



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

EDGLEITON MONTEIRO DE FREITAS

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ SOBRE A LINGUAGEM DE
CLASSIFICAÇÃO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

**FORTALEZA
2009**

EDGLEITON MONTEIRO DE FREITAS

A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ SOBRE A LINGUAGEM DE
CLASSIFICAÇÃO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Monografia apresentada ao curso de
Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para a obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia

Orientadora: Prof^ª. Dr. Virginia Bentes Pinto

FORTALEZA
2009

FICHA CATALOGRÁFICA

F862P Freitas, Edgleiton Monteiro
A percepção dos usuários sobre a classificação nas
Bibliotecas Universitárias / Edgleiton Monteiro de Freitas.
62 f.: il.; color.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Virginia Bentes Pinto.
Monografia (Graduação). – Universidade Federal do
Ceará, Fortaleza, 2009.

1. Classificação Bibliográfica 2. Classificação Decimal
de Dewey 3. Linguagem Documentária 4. Percepção
I. Pinto, Virgínia Bentes (Orientadora) II. Título

EDGLEITON MONTEIRO DE FREITAS

A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ SOBRE A LINGUAGEM DE
CLASSIFICAÇÃO NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Monografia apresentada ao curso de
Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para a obtenção do grau de
bacharel em Biblioteconomia

Orientadora: Prof^a. Dr. Virginia Bentes Pinto

Conceito: _____

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Virginia Bentes Pinto- UFC
(Orientadora)

Prof^a. MSc. Maria de Fátima Silva Fontinele - UFC
(Membro)

Prof. Msc. Márcio Assumpção Pereira - (UFC)
(Membro)

Prof. Esp. Hamilton Rodrigues Tabosa - (UFC)
(Suplente)

DEDICATÓRIA

A toda minha família que me incentivou e a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família pelo apoio.

Agradeço à minha orientadora.

Agradeço à Banca Avaliadora por aceitar o convite.

Agradeço a todos os Professores.

“Decifra-me ou te devorarei”
Homero.

RESUMO

A classificação é um processo que o homem executa desde os primórdios da sua existência. Um bom exemplo é aquela feita por Aristóteles, que concebeu inicialmente a classificação como um exercício mental e organizou os seus predicáveis (categorias). Com o aprimoramento do saber humano, o homem sentiu a necessidade não somente de preservar conhecimento (como uma memória do mundo), mas de organizar. A “explosão” do conhecimento destacou a atividade de classificar, o saber tornou-se cada vez mais evidente entre vários outros estudos nos meios acadêmicos. Com a especialização da ciência a situação do ser humano complexificou ainda mais, uma vez que, ele não consegue armazenar tudo em sua mente para recuperar a qualquer momento. Então, a Biblioteca exerce essa função, porque nela existe uma forma de classificação cuja finalidade é diminuir a complexidade na recuperação dos conhecimentos organizados em seu ambiente. Essas reflexões nos intrigaram a fazer uma pesquisa visando encontrar respostas ao seguinte **problema**: Como a classificação bibliográfica, enquanto uma forma de representação do conhecimento registrado, adotada no sistema de bibliotecas da UFC é percebida pelo usuário? Qual é a compreensão que os usuários do sistema de Bibliotecas da UFC têm das linguagens documentárias utilizadas em relação a sua área de conhecimento? O entendimento da linguagem daria mais autonomia a eles em suas buscas de informação nas bibliotecas universitárias? Quais são as dificuldades e as facilidades em relação à compreensão dos códigos utilizados para a busca e a recuperação da informação? A pesquisa tem como **objetivo geral**: Investigar a usabilidade e eficácia da classificação bibliográfica, como uma forma de representação do conhecimento, nas bibliotecas e na mente humano, enquanto forma de recuperação e ordenação do saber. **Objetivos específicos**: a) Analisar o processo de compreensão dos usuários em relação a classificação bibliográfica e sua influencia no processo de recuperação da informação; b) identificar as dificuldades e facilidades da compreensão dos sistemas de classificação; c) investigar as estratégias que os estudantes utilizam para a busca e localização de livros nas bibliotecas da UFC. **Metodologia**: O trabalho caracteriza-se como pesquisa exploratória, pois tem como escopo esclarecer e modificar conceitos e idéias para contribuir com indagações posteriores acerca do estudo em questão. O método aplicado na pesquisa em curso é o estruturalismo, que por meio de estruturas, tenta explicar a realidade. O instrumento de coleta de dados foi o questionário, com questões mistas. Os **resultados** mostram que existe pouca compreensão dos estudantes quanto ao entendimento dos códigos alfanuméricos como uma linguagem e também em relação à associação da classificação à sua área de conhecimento. Também ficou evidente a necessidade de melhorar a sinalização para que os usuários compreendam a classificação e possam fazer buscas com maior autonomia.

Palavras-chave: Linguagens Documentárias. Classificação Bibliográfica. Percepção.

ABSTRACT

Classification is a process that the man executed since the beginning of its existence. A good example is that made by Aristotle, who conceived the original classification as a mental exercise and organized their predictable (categories). With the improvement of human knowledge, the man felt the need not only to preserve knowledge (as a memory of the world), but to organize. The "explosion" of knowledge highlighted the sort of activity; knowledge has become increasingly evident in several other studies in academic circles. With the specialization of science to the human situation has become harder, since it can not store everything on your mind at any time to recover. So, the Library performs this function because it is a form of classification which aims at reducing complexity in the recovery of knowledge organized in your environment. These reflections in practice to make a search to find answers to the following problem: How to classify literature as a form of representation of the recorded knowledge, adopted in the library system of the UFC is perceived by the user? What is the understanding that users of the library system of the UFC have in language documents used in relation to their area of expertise? The understanding of the language would give more autonomy to them in their search for information in university libraries? What are the difficulties and the facilities on the understanding of the codes used for search and retrieval of information? The research aims to General: To investigate the usability and effectiveness of the classification literature as a form of representation of knowledge in libraries and in the human mind, as a way to recover and sort of know. Specific Objectives: a) analyze the process of understanding the users in relation to bibliographic classification and its influence in the process of retrieval of information, b) identify the advantages and difficulties of understanding of classification systems; c) investigate the strategies that students use for search and location of books in the libraries of the UFC. Methodology: The work is characterized as exploratory research, it has scope to clarify and modify concepts and ideas to help with further questions about the study in question. The method applied in the research is ongoing structuralism, which by means of structures, attempts to explain the reality. The data collection instrument was the questionnaire, with questions mixed. The results show that there is little understanding of students on the understanding of language as an alphanumeric code and also for the association of class to your area of expertise. It was evident the need to improve the signal so that users can understand the classification and to search with greater autonomy.

Keywords: Document languages. Bibliographic Classification. Perception.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: UMA LINGUAGEM DE BUSCA E RECUPEARAÇÃO DE INFORMAÇÃO	16
2.1 Algumas considerações sobre Linguagem.....	16
2.1.1 Linguagens Documentárias.....	17
2.1.2. Linguagens documentárias de classificação.....	21
2.1.2.1 A Classificação Bibliográfica.....	24
2.1.2.1.1 Classificação Decimal de Dewey (CDD).....	25
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO	28
4 PERCURSO METODOLOGICO	30
5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	32
6 REFLEXÕES CONCLUSIVAS	61
REFERÊNCIA	64
APÊNDICE	68

1 INTRODUÇÃO

A classificação é um processo que o homem executa desde os primórdios da sua existência. Assim, tudo o que ele desenvolve passa por um rigor de categorização que facilita o seu entendimento, quer dizer, o ser humano se utiliza das inúmeras linguagens como instrumento de socialização para se comunicar com o mundo. Um bom exemplo disso é a classificação de Aristóteles, que a concebeu, inicialmente, como um exercício mental e organizou os seus predicáveis (categorias) em número de cinco: gênero, espécie, diferença, propriedade e acidente. Com o passar do tempo, dez categorias foram acrescentadas: substância, qualidade, quantidade, relação, lugar, tempo, situação, posse, ação, sofrimento ou passividade. As categorias aristotélicas florescem na árvore de Porfírio que propõe uma classificação categorizando o conhecimento em: Substância - corpórea e incorpórea, Corpo - animado e inanimado, Corpo vivo – sensível e insensível, Animal – racional e irracional, Homens e suas variedades. Com o aprimoramento do saber humano, o homem sentiu a necessidade não somente de preservar conhecimento (como uma memória do mundo), mas, também, de organizá-lo para uma rápida recuperação, com isso surgiram as Bibliotecas que vieram para suprir uma necessidade humana de organização do conhecimento. Com o passar das gerações a complexidade aumentou dentro do espaço da Biblioteca, porque a produção humana crescia. Então, acervo e os códigos agregam-se num complexo que se constituem no mapa da produção humana. Com a “explosão” do conhecimento, a atividade de classificar o saber tornou-se cada vez mais evidente entre vários outros estudos nos meios acadêmicos. Segundo Milanesi (2002, p. 12), se “informação é poder”, os códigos de acesso são instrumentos desse poder, mesmo tendo ciência que, o homem sempre teve necessidade de organização do saber e que já existiam modelos de classificações.

A necessidade maior de classificar veio com as revoluções sociais de impactos mundiais, que são elas: Imprensa de Gutenberg, Revolução Industrial, Revolução Francesa e a Revolução das Tecnologias de Informação e de Comunicação. Com o avanço da ciência e da tecnologia foram surgindo outras formas de conhecimento e/ou se segmentando em novos saberes. Em razão desses acontecimentos, a produção do conhecimento foi se multiplicando tornando-se assim,

impossível para o homem tanto absorver tudo, quanto armazenar em memória fisiológica todas essas informações.

Com a especialização da ciência a situação do ser humano ficou mais complexa, uma vez que, ele não consegue armazenar tudo em sua mente para recuperar a qualquer momento. Pois o indivíduo se esquece, então a Biblioteca exerce essa função, porque nela existe uma forma de classificação cuja finalidade é diminuir a complexidade na recuperação dos conhecimentos organizados em seu ambiente. Sabendo-se que, a biblioteca é essencial para qualquer área do conhecimento, pressupõe-se que quem frequenta estes espaços entende a sua organização feita por meio dos símbolos alfanuméricos, contudo, mediante observações mais demoradas, percebe-se que a realidade é diferente. Então o que falta para que o usuário de bibliotecas entenda a linguagem da classificação? Temos um pressuposto de que os usuários de bibliotecas, não importando qual sua área do conhecimento, ainda que sejam veteranos em frequentá-las, mesmo assim, não sabem utilizar ou entender a linguagem de classificação das bibliotecas. Então, qual seria a melhor forma de compreender o básico da linguagem alfanumérica de classificação? Como os usuários das Bibliotecas Universitárias reagem ao tomar ciência da grande dificuldade de recuperar o documento ou a informação desejada? Ele não conhece as linguagens codificadas que representam o conhecimento. Todavia, observa-se que, na mente humana, tudo é classificado, então, como a representação utilizada pela Biblioteca, tão próxima do cognitivo humano, não lhe é familiar? Como essa forma de organização do conhecimento pode despertar o prazer dos pesquisadores (alunos, professores e outros usuários) tornando-os mais interessados pela classificação? Fazemos esses questionamentos porque em nosso cotidiano no uso de Bibliotecas e, nos “corredores” da universidade escutamos muitas reclamações de pessoas dizendo que seria melhor se a biblioteca fosse ordenada por assunto, sem os símbolos.

Essas são algumas indagações que nos fazemos quando de nossas buscas nas Bibliotecas da UFC e isso nos levou a empreender uma pesquisa no âmbito da monografia de conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, partindo das seguintes questões de pesquisa: Como a classificação bibliográfica, enquanto uma forma de representação do conhecimento registrado, adotada no sistema de bibliotecas da UFC é percebida pelo usuário? Qual é a compreensão que os usuários

do sistema de Bibliotecas da UFC têm das linguagens documentárias utilizadas em relação a sua área de conhecimento? O entendimento da linguagem daria mais autonomia a eles em suas buscas de informação nas bibliotecas universitárias? Quais são as dificuldades e as facilidades em relação à compreensão dos códigos utilizados para a busca e a recuperação da informação?

A motivação para pesquisar esse objeto de estudo é decorrente de que no curso de Biblioteconomia tem muitos assuntos polêmicos e, um deles é a percepção dos usuários sobre a classificação nas bibliotecas. Eu, como usuário de Biblioteca, sempre escuto pessoas falando acerca da dificuldade de entender os símbolos alfanuméricos. A disciplina Representação Temática da Informação, cursada no quarto semestre, despertou em mim uma curiosidade para entender melhor esse assunto, pois para mim e para os que fazem parte desse Curso era compreensível aquela linguagem, mas para outras áreas não.

Aprendemos no curso que os signos nas lombadas dos livros têm como função tanto a classificação de assuntos quanto o endereço locacional específico do livro para uma futura recuperação. Contudo, em conversas informais, com alguns alunos que estão iniciando biblioteconomia e, igualmente com colegas de outros cursos que freqüentam o ambiente das Bibliotecas, o entendimento não era esse. Observando isso e os textos das aulas de representação, vi uma possibilidade em desenvolver um trabalho que tentasse perceber essas questões, pois as classificações não são exclusivas de Bibliotecas, ao contrário, elas fazem parte do cotidiano do ser humano, dos seus saberes e, mesmo assim, parece que ele não tem entendimento sobre isso, pois não consegue fazer as devidas associações. O homem categoriza tudo, não importa a quantidade, assim, exerce uma forma de controle, mas, para isso acontecer ele necessita estar integrado com o ambiente, afinal sem essa relação ele não consegue categorizar a informação. O modo como o indivíduo categoriza vai depender do contexto e da sua afinidade com o ambiente. Toda vez que o homem identifica algo ou parte de algo ele está categorizando e isto ocorre por causa das similaridades e diferenças entre conceitos no contexto do seu ambiente.

Apoiando-me em Lima (2007) entendemos que a função da mente é interpretar o sentido e o significado das informações e transformá-las em

conhecimento, ela (mente) estrutura a informação em hierarquias a partir de idéias mais abrangentes, seguindo-se uma lógica semelhante, aquela do sistema de classificação do conhecimento. Portanto, os sistemas de classificação não são dessemelhantes ao funcionamento do cognitivo humano, pois, elas são estruturadas de acordo com as semelhanças e diferenças dos objetos ou coisas que estão sendo classificadas.

Com o crescimento do conhecimento e o maior acesso a ele, os sistemas de classificação ainda continuam sendo algo de interesse tanto específico como de todas as áreas do conhecimento. Minha pretensão não é desqualificar os sistemas de classificação bibliográfica, porém, estudar a possibilidade de torná-la compreensível ao usuário das bibliotecas, em especial.

Para concretização desta pesquisa e tendo por base as questões-problemas definimos como **Objetivo geral:** Investigar a usabilidade e eficácia da classificação bibliográfica, como uma forma de representação do conhecimento, nas bibliotecas e na mente humana, enquanto forma de recuperação e ordenação do saber. **Objetivos específicos:** a) Analisar o processo de compreensão dos usuários em relação à classificação bibliográfica e sua influência no processo de recuperação da informação; b) Identificar as dificuldades e facilidades da compreensão dos sistemas de classificação; c) Investigar as estratégias que os estudantes utilizam para a busca e localização de livros nas bibliotecas da UFC.

De forma resumida, apresentamos a metodologia norteadora para o desenvolvimento da pesquisa empírica. Assim, trabalhamos seguindo os passos de pesquisa exploratória, a fim de que fosse possível ter maior compreensão do objeto de estudo. O estruturalismo é o método que nos apoiamos para nossas análises, pois, entendemos que a biblioteca se constitui como uma estrutura e, naturalmente o todo e as partes são interdependentes. Logo, se um não está bem, conseqüentemente toda a estrutura será afetada. Para a coleta de dados utilizamos o questionário que foi aplicado diretamente pelo pesquisador, aos alunos dos três (3) campi da Universidade Federal do Ceará localizados em Fortaleza: Campus do Benfica, Campus do Pici e Campus do Porangabussu, nas Bibliotecas do Centro de

Humanidades, Centro de Ciências e Tecnologia, Centro de Ciências da Saúde, e nas Bibliotecas de Física e Matemática.

A estrutura desta monografia é organizada em seis (6) capítulos. No primeiro, fazemos a abertura do trabalho cenariando o objeto de estudo que contempla as questões norteadoras da pesquisa, apresentamos, ainda os objetivos, um resumo da metodologia e, naturalmente, organização física do trabalho. O segundo capítulo traz a fundamentação teórica do estudo, na qual discutimos, de forma breve, os aspectos referentes à linguagem de modo geral e em particular à Classificação Bibliográfica como linguagem de busca e recuperação de informação e, por fim a Classificação Decimal de Dewey. No terceiro capítulo trazemos algumas palavras sobre a percepção, enquanto que no quarto capítulo nos dedicamos aos aspectos metodológicos da pesquisa. A análise dos dados e discussão dos resultados encontra-se no capítulo cinco, no qual trabalhamos detidamente nos achados da pesquisa. As reflexões conclusivas estão dispostas no capítulo seis.

2 A CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA: UMA LINGUAGEM DE BUSCA E RECUPEARAAÇÃO DE INFORMAÇÃO

2.1 Algumas considerações sobre Linguagem

A linguagem é essencial para o ser humano. Podemos dizer empiricamente que, ela é o meio que utilizamos para nos comunicar e expressar nossos próprios pensamentos. Com outras palavras é se apropriando da linguagem que os homens compreendem e se comunicam com o mundo. Mas, o que realmente entendemos com relação ao conceito formal de linguagem? Antes de tudo, gostaríamos de esclarecer que não vamos aqui entrar na discussão sem fim do que seja pensamento e linguagem, porém, apenas trazer dois conceitos de linguagem que consideramos fundamentais para elucidar nossa articulação. O primeiro é oriundo da filosofia, onde a linguagem é conceituada como

Expressão verbal do pensamento, que se distingue dos meios de comunicação de que alguns animais dispõem por sua constituição e pelo fenômeno da dupla articulação. A linguagem aparece como uma instituição cultural universal [...]. A linguagem pode opor-se à palavra, na medida em que só pode ser interior, mas também na medida em que remete a uma instituição coletiva. (DUROZOI, 1993, p.289-90)

Saindo um pouco da filosofia e tentando uma compreensão mais sucinta, buscamos no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, outro conceito de linguagem, no qual encontramos que ela se refere a “Todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos”. (FERREIRA, 1975, p. 847). Assim, entendemos que ela contribuiu para o desenvolvimento humano em vários aspectos, sendo os principais a comunicação, a significação e a demarcação entre os seres humanos, onde as trocas de signos não se resumem à forma verbal, mas, também, à não-verbal, como os gestos, o som e as imagens. Entretanto, é preciso dizer que, em se tratando de signo, as linguagens são geradas e compartilhadas pelo mesmo povo, logo, se constituem como forma simbólica e cultural. Embora sejam construídas arbitrariamente, é por intermédio da linguagem que uma civilização se constitui e reafirma os seus valores ou identidades.

Entretanto, a ela necessita que o sujeito se adapte ao contexto da sociedade no qual ela está inserida a fim de que possa construir sentidos sobre as coisas e os objetos percebidos no mundo.

Os estudos da linguagem, como objeto científico, ainda são incipientes no mundo acadêmico, como bem defende Kristeva (1969 *apud* CINTRA *et al*, 1994) ao dizer que “O caráter científico deu à linguagem uma força tal que, hoje, pode-se dizer que ela se constitui na chave de acesso do homem moderno às leis do funcionamento social”.

Essas autoras continuam seus pensamentos afirmando que a linguagem com suas funções básicas de demarcar, significar e comunicar foram se adaptando às ideologias que iam surgindo com o desenrolar dos séculos. Assim,

No século XVII predominou uma concepção teológica que colocava em primeiro plano sua origem e as regras universais da lógica. O século XIX foi marcado por uma concepção historicista que via a linguagem como um processo em evolução, através dos tempos. Hoje predominam as concepções da linguagem como sistema em funcionamento. (CINTRA *et al*, 1994).

Com outras palavras, a linguagem faz com que o homem possa compreender, governar e modificar o seu ambiente. É por seu intermédio que o sujeito se apropria do mundo hierarquizando-o em categorias, construindo representações sobre as coisas e os objetos, para que posteriormente eles entrem em uma categoria social que é baseada na visão de mundo desse sujeito. Eis a função dinâmica da linguagem que, vai se atualizando, se modificando e se resignificando, conforme a evolução da sociedade. Em razão disso, surgem inúmeras linguagens em todos os campos de conhecimentos, como por exemplo, as linguagens documentárias bastante discutidas nos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e que será abordada na próxima seção.

2.1.1 Linguagens Documentárias (LDs)

Embora as linguagens documentárias tenham sua gênese nos vocabulários controlados e nas classificações bibliográficas, somente com o

aparecimento da disciplina indexação é que seu conceito começa a ser construído. Porém, conforme, Dodebei (2002, *apud* VOGEL, 2007, p. 9), desde sua origem os conceitos foram sendo construídos seguindo várias denominações 'linguagens de indexação' (Melton), 'linguagens descritoras' (Vickery), 'codificações documentárias' (Grolier), 'linguagens de informação' (Soergel), 'vocabulários controlados' (Lancaster), 'lista de assuntos autorizados' (Montgomery), 'linguagens de recuperação da informação' ou 'linguagens de descrição de informação' (Wanderley) e 'linguagem documentária' ou análise documentária' (Gardin). Nesta monografia, não discutiremos todos esses conceitos, pois, não é o centro de nosso objeto de estudo.

Na década de 1960, o professor Jean-Claude Gardin utiliza o sintagma Linguagem Documentária, inicialmente como “uma lista de termos, organizados ou não, que servem à indexação documentária”, ou ainda, como “um inventário das correspondências entre os termos dessas listas e as palavras ou frases em linguagem natural que eles representam” (GARDIN, 1966, *apud* VOGEL, 2007, p. 10). A proposta de Gardin é considerada na literatura como sendo pioneira na utilização de parâmetros lingüísticos para propor a organização de Linguagens Documentárias, uma vez que aponta a terminologia desse campo – termos, palavras, frases – como suporte que fazem parte das LDs. (LARA, 1999, p. 52-4). No mesmo ano, Coyaud (1966, *apud* VOGEL, 2007, p. 3) apresenta o conceito de Linguagem Documentária, como sendo “um sistema de signos” que permite a comunicação entre usuário e documentalista quando o primeiro busca um documento ou referência”. Deixando explícita a relação da linguagem documentária com a comunicação. Posteriormente, Gardin, ao escrever um artigo sobre Análise Documentária e Lingüística, cunha o termo 'Linguagem Informacional', referindo-se às classificações e Linguagens de Indexação, cobrindo tanto listas de termos de índice ou descritores (GARDIN, 1973, p.141).

Também encontramos em J. Rowley (2002, p. 168), no livro A biblioteca eletrônica, especificamente no capítulo Fundamentos da recuperação da informação, adota o termo linguagem documentária referindo-se a "uma lista de termos ou notações que podem ser utilizados como ponto de acesso em um índice [...]. Um conjunto de termos (o vocabulário) e as técnicas para utilizar as relações entre eles

em um sistema para descrever índice". Na mesma linha de pensamento, Guinchat e Menou (1994, p. 133) definem a linguagem documentária como sendo "linguagens convencionais utilizadas por uma unidade de informação para descrever o conteúdo dos documentos para armazenar e recuperar informações".

Em nível de Brasil, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), é o pioneiro nos estudos de LDs, e cria o Grupo TEMMA, cujo um dos objetivos é teorizar essas linguagens. Daí, um dos primeiros conceitos é proposto por Tálamo (1997, p. 10) no qual defende que

De maneira geral, define-se linguagem documentária (LD) como uma linguagem construída, oposta à natural, portanto, que tem como objetivo específico tratar a informação para fins de recuperação. Atualmente as questões relativas à sua construção são tratadas pela Linguística Documentária e aquelas relativas ao seu uso encontram-se integradas às questões mais amplas relativas ao tratamento e à recuperação da informação, discutidas no âmbito da Análise Documentária (AD)

Diante desses conceitos, entendemos que as linguagens documentárias são utilizadas no contexto do tratamento, da organização e da recuperação de informações, como por exemplo, na análise documentária, pois essa atribui ao texto termos que, necessariamente, não estejam nele, mas, que pode representar algum componente de seu conteúdo. Por isso, é considerada por alguns autores como uma metalinguagem. A metalinguagem, por sua vez, é entendida como "linguagem na qual se fazem observações sobre outras linguagens. A linguagem de que se fala é a linguagem-objeto". (BLACKBURN, 1997, p. 247).

Entendida desse modo, a Linguagem Documentária tem como característica principal comunicar por meio de uma convenção de signos estruturados na forma de descritores que serão utilizados em lugar da linguagem natural, para a construção das pistas (índices) que nortearão os usuários nas buscas de informação, tanto em ambientes tradicionais – Bibliotecas, Arquivos, Museus ou outros do gênero. Contudo, é preciso se ter consciência que para haver um processo comunicativo é necessário que o indivíduo compreenda o signo que é usado para transmitir informação. Na proposta semiológica de Umberto Eco (1987), o pensador defende essa idéia, ao dizer que todos os tipos de signos são considerados indícios

comunicativos. É importante lembrar que, nesse processo de comunicação circulam mensagens consideradas equivalentes a um conjunto de signos. Então, ela é a organização complexa de muitos signos não importando como eles sejam: numéricos, alfabéticos ou uma combinação entre eles. Entretanto, para que qualquer pessoa possa entender o significado necessita estar de posse do código ou das regras de significação e de sentidos, defendidas pela semiologia saussuriana e pela semiótica peirciana. Sabe-se que, o signo é alguma coisa que está no lugar de outra, mas, não representa o objeto na sua totalidade, apenas de certo ponto de vista.

Um signo só tem seu devido valor para aquele que o interpreta como representante de alguma coisa, pois a caracterização de um signo depende da existência de código. E esse código segundo Francisco das Chagas (1998) em sua obra *A Organização do Conhecimento na Sociedade*, deve ser desenvolvido conforme a realidade do povo que irá utilizá-lo, adequando o código ao ambiente. O domínio do ambiente por uma sociedade passa por dois processos: o de apreender e o de compreender. O primeiro de “catalogação” do mundo e o segundo de “hierarquização” do mesmo. Os dois processos são de caráter arbitrário, uma vez que desde a fase de “nomeação” das coisas a classificação está presente, pois o saber se transforma em signo, onde a ideologia socializada se torna código. A partir daí, o saber se torna visível, controlável e convencionado em uma estrutura vocabular obedecendo a relações sintáticas, semânticas, léxicas e simbólicas, segundo Dodebei (2002). Neste contexto a autora argumenta, ainda que as LDs têm a atuação em sistemas de recuperação da informação em dois níveis: orientação aos analistas sobre os melhores termos para representar o documento e a orientação ao pesquisador sobre os melhores termos que representariam o assunto procurado. Essas orientações constroem complexas redes semânticas que correspondem às seguintes funções: organizar o campo conceitual da representação documentária; servir de instrumento para a distribuição útil dos livros ou documentos; controlar as dispersões léxicas, sintáticas e simbólicas no processo de análise documentária. (DODEBEI, 2002). Por outro lado, não podemos esquecer que, “na prática da linguagem natural sabe-se que as palavras chegam até as pessoas através dos sentidos, de forma organizada, isto é, são agrupadas de acordo com regras preestabelecidas, formando frases” (CINTRA *et al* 1994), mostrando que, conforme esta estrutura o ser humano percebe o seu

mundo, proporcionando uma comunicação que é inteligível aos que participam do ambiente.

Nas inúmeras discussões travadas pelos autores que refletiam as LDs, foram incluídas a Linguística Estruturalista e a Terminologia no desenvolvimento do conceito dessa nova ferramenta. Elas foram se solidificando e dando uma nova roupagem às LDs, fazendo surgir, logo após, uma nova proposta, qual seja, inserir a linguagem documentária como sub-campo da Documentação que se chamaria a Linguística Documentária que entenderia as LDs como um estudo da representação da informação, tendo como foco as linguagens de processamento e produção para a circulação do conteúdo, segundo Vogel (2007 *apud* GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990).

2.1.2. Linguagens documentárias de classificação

Nunca é demais se dizer que a classificação faz parte do cotidiano do ser humano, desde as mais remotas origens da vida, quando o homem pré-histórico desenhava nas grutas e cavernas suas estratégias de comunicação de modo a facilitar a circulação da informação. Conforme André Leroi-Gourhan (1988 *apud* BENTES PINTO, 2006) a organização dos desenhos que ornamentavam cada caverna se constituam em uma estrutura mental seguindo três zonas de representação: a entrada era ornamentada por signos, pontos e traços; na zona central encontravam-se os animais dominantes e, ao fundo os animais menores, muitas vezes, os anteriores, porém, em miniaturas. Com a invenção da escrita, pelos escribas no mesmo século surgem as primeiras idéias concretas de classificação de documentos por meio da criação das chamadas listas de palavras e coisas. Essas listas são entendidas por Jean Bottéro (1987 *apud* BENTES PINTO, 2006) como a primeira apresentação comum das obras científicas na Mesopotâmia, portanto, são catálogos de signos e de palavras conforme diversos critérios. (Entretanto, somente na Biblioteca de Assurbanipal é que os documentos (livros de cerâmica) são organizados por autor, título entre outros).

Na classificação o ser humano busca estruturar as coisas e objetos do mundo a fim de tentar compreendê-los. Ele agrupa as coisas ou idéias por características comuns e reconhecidas em categorias para que ele possa entender

como entidade ou conceito. Ela é estruturada em classes e essas possuem valor de conceitos, que segundo Dahlberg (1978c) é “[...] uma unidade de conhecimento, compreendendo atividades verificáveis sobre um item selecionado de referência, representado por uma forma verbal”. Ele nos permite perceber informações que não são explícitas no termo. Corroborando, Shera (*apud* Campos, 1973) diz que

nenhuma teoria do conhecimento — e, conseqüentemente, nenhuma ordenação de conceitos — é possível sem levar em conta essa habilidade fundamental do espírito humano, de formar conceitos e de perceber, além deles, as categorias fundamentais que impregnam um número quase infinito de conceitos específicos possíveis.

As classes resultam da divisão do conhecimento, de acordo com as características do conceito. Então, se pode dizer que a classificação é um universo de conhecimento, pois estrutura as áreas do saber categorizando-as a fim de que os homens possam ordenar seus estoques de conhecimento, compreender e tirar conclusões sobre determinado assunto. A classificação, antes considerada como arte, possibilita uma organização estrutural de mundo tendo sido experimentada de diversas formas e modos marcando a obra de vários filósofos e grandes nomes da História da humanidade, como:

Indic Vedas, a Bíblia, as coleções enciclopédicas de tudo o que era conhecido numa determinada época, como por exemplo, a enciclopédia do egípcio Amenope (1250 A.C.) e de Caius Plinius Secundus (23-79 D.C.), e ainda as grandes enciclopédias da Idade Média, como as de Isidro de Sevilla, Vincent de Beauvais, Bartholomaeus Anglicus, Brunetto Latini e as da Renascença, como as de Georg Valla, Rafael Maffei, Johann Heinrich Alsted, Wolfgang Ratke. (DAHLBERG, I. 1972).

Essas obras foram ordenadas sistematicamente, mas apenas após 1491 é que as áreas do conhecimento foram esquematizadas conforme se conhece hoje. A arte de classificar somente foi chamada de classificação em títulos de livros no século XVIII, nas bibliografias de C. W. Shields, R. Flint e B. C. Richardson, segundo Dahlberg, (1972, p. 2). Conforme Dalberg (1972) a arte de classificar é tão antiga quanto a Humanidade, com o passar dos tempos conseguiu *status* teórico para chegar a Ciência. O primeiro que se tem notícia foi Platão com os “Gêneros Supremos” e estabeleceu cinco categorias: o ser, o movimento, a repouso, a identidade e a alteridade. Posteriormente temos Aristóteles com o “*Organon*” .

Conforme os estudos de Piedade (1983, p. 16), classificar “é um processo mental habitual do homem, pois vivemos automaticamente classificando coisas e idéias, a fim de compreendê-las e conhecê-las”. Seguindo esse raciocínio, Thomas (1998, p. 62) diz que

[...] toda observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível; e é sabido que, uma vez aprendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira.

A classificação é uma atividade social constituinte da organização, manutenção e estabilidade da formação de um povo. Pois para se conhecer é necessário classificar, por meio dessa atividade é que um ser humano se identifica com o outro, acontecendo à interação social. A importância da classificação está na sua função de transparência, compartilhamento de informações, as quais orientam para as tomadas de decisões, preservação da memória técnica e administrativa, cidadania e seleção para a prioridade de procedimentos humanos.

Tendo em vista que as classificações estão presentes em todas as áreas de conhecimentos, também no campo da Biblioteconomia não poderia ser diferente e, aproveitando-se desse fato, foram pensadas várias classificações bibliográficas desde a Biblioteca de Alexandria, onde o Bibliotecário Calímaco (260-240 a. C.), publicou um catálogo classificando o conteúdo do local. Na classificação dessa biblioteca, o poeta e bibliotecário Calímaco publicou um catálogo classificando os escritores em Poetas (épicos, cômicos, trágicos e ditirambos); Legisladores; Filósofos (geométricos e matemáticos); Historiadores; Oradores e Escritores de tópicos diversos. Posteriormente, Assurbanipal, entre os anos 669 e 626 a. C., classificou os tablets de argila – livros daquela época – em dois grupos: ciência da terra e ciência do céu. No final do século XVIII, Diderot e D’Alembert (1780-1782) tomando por base a classificação de Francis Bacon, publicam a *Encyclopédie* ou *Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*. Em 1876, Mevil Dewey publicou a Classificação Decimal de Dewey (CDD). Os Belgas Paul Otlet e Henri de La Fontaine, baseados na CDD, publicam a Classificação Decimal Universal (CDU), em 1905. Essas duas últimas são usadas, atualmente, em todo mundo.

2.1.2.1 A Classificação Bibliográfica

A classificação bibliográfica, também seguiu a estrutura da classificação do conhecimento, quer dizer, hierarquizando as obras conforme as categorias de semelhança entre os temas nelas tratados. Assim, igualmente, nesta classificação foram estabelecidas classes e subclasses formando uma rede semântica, que por meio dos conceitos dos termos padroniza as relações entre os mesmos, conforme apresentado árvore de Porfírio.

As classificações que existem são muitas, pois o conhecimento é muito diversificado e estratificado. Segundo Nunes (2007) existem três categorias de classificação: as de áreas específicas, classificação do conhecimento (Lógicos, filósofos) e classificação de assuntos [Cientistas e Bibliotecários], Sem notificação e com notificação. A subdivisão da primeira seria: a classificação de Botânica de Lineus, 1735; a classificação Botânica de Jussieu, 178; a classificação de Hooker e Bentham, 1862; classificação Zoológica de Carpenter, 1845; classificação Zoológica de Lydekkar, 1897. A segunda seria: Lucke, 1688; Comte, 1822; Spencer, 1864; Bain, 1870; Richardson, 1901. A terceira seria [sem notificação]: Aldus, 1505, Gesner, 1548; Naudé, 1627; Brunet, 1718; Merlin, 1842; Trubner, 1859. [com notificação]: Harris, 1879; Dewey, 1876; Expansiva de Cutter, 1891; Hartwig, 1888; da Universidade de Princeton, 1901; da Library of Congress, 1902; Foram também importantes: a classificação de Dois Pontos de Ranganathan, 1933; a classificação bibliográfica de Bliss, 1935 e a classificação Internacional de Rider, 1961.

Conforme argumenta Araújo (2006 *Apud* Barbosa, 1969, p. 47) as classificações bibliográficas tem como objeto “dar aos livros um lugar determinado nas estantes”, buscando uma ordenação e arranjo úteis para o arquivamento e o acesso a documentos – o caráter de funcionalidade é o definidor desse tipo de classificação.”

Entre as classificações bibliográficas as mais conhecidas e relevantes são a Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU) e a Classificação de Ranganathan, conhecida como Classificação dos Dois Pontos ou

Colon Classification (CC). Nesta monografia nos deteremos somente à Classificação de Dewey que será apresentada a seguir.

2.1.2.2 A Classificação Decimal de Dewey (CDD)

A literatura mostra que, desde criança Mevil Dewey já se preocupava com a organização das coisas, inclusive contam que ele elaborou um modelo de organização da despensa de sua mãe. Aprimorando suas idéias, conseguiu o emprego de assistente de bibliotecário na Biblioteca do Amherst College -Massachusetts- e, nessa Biblioteca busca uma melhor organização do seu acervo (1873). No ano seguinte (1874) o seu feito lhe rendeu a promoção, com o mesmo cargo, porém, desta feita na biblioteca da universidade. Entretanto, sua grande contribuição para o conhecimento foi a publicação, em 1876 da obra intitulada *Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a library*. Essa publicação foi baseada no sistema de W.T.Harris (1870), que por sua vez tinha sido baseado no sistema filosófico de Bacon (1605) e lhe rendeu muito sucesso. Mesmo assim, somente no ano de 1958, quando é publicada a 16ª edição em dois volumes é que aparece no nome Dewey na capa, passando então a se intitular “Classificação Decimal de Dewey”.

O sistema de classificação é decimal, pois divide o conhecimento em dez classes principais, fundamentando a divisão desse conhecimento em *disciplina e subdisciplina*. Conforme Silva (2008, p. 16).

As disciplinas são encaradas como grandes ramos do conhecimento, que englobam conceitos ou idéias menores, vistos como subdivisão ou derivação daquelas. Assim, a Filosofia, a Religião, as Ciências Sociais, as Ciências Puras, as Aplicadas, a História, são consideradas disciplinas, enquanto a Economia, a Sociologia, a Música, a Zoologia, a Botânica, são subdisciplinas em relação às grandes áreas em que se inserem.

As edições da CDD são atualizadas a cada sete anos, sob a responsabilidade da *Online Computer Librarian Center* (OCLC), sendo que atualmente, a CDD encontra-se na 22ª. edição, publicada em 2003, com versão eletrônica chamada de *WebDewey* e impressa em quatro volumes. A edição atual aborda mudanças globais nas áreas de ciência da computação, medicina, geografia,

política, tendências de estilo de vida. Assim, mantêm-se atualizada em relação a evolução do conhecimento, embora esse espaço de tempo seja muito longo, pois a ciência e outros saberes são dinâmicos, portanto, a cada dia surgem assuntos novos não cobertos por essa classificação.

A CDD em sua 22ª edição continua com as suas dez classes principais que se dividem em outras para que possam abranger todo o conhecimento conforme a seguir:

- a) 000 Generalidades
- b) 100 Filosofia
- c) 200 Religião
- d) 300 Ciências Sociais
- e) 400 Línguas
- f) 500 [Ciências puras](#)
- g) 600 [Ciências Aplicadas](#)
- h) 700 [Artes](#)
- i) 800 [Literatura](#)
- j) 900 [História](#) e Geografia

A CDD possui elementos orientando como deve ser a sua utilização. Destacando as regras principais (v.2-3) e as Tabelas (v.1). Os outros elementos são: introdução, incluindo o glossário (v.1) e índice (v.4) que, auxiliam no uso da classificação, de modo geral.

Visando melhor entendimento, a CDD, atual, possui seis tabelas auxiliares:

Tabela1: Subdivisão Padrão

Tabela 2: Áreas geográficas, períodos históricos, de pessoas

Tabela 3-A: Subdivisões para obras por ou sobre os autores

Tabela 3-B: Subdivisões para obras por ou sobre mais de um autor

Table3-C: Notação a ser adicionado onde instruiu na Tabela 3-B, 700,4, 808 -809

Tabela 4: Subdivisões de línguas individuais

Tabela 5: raciais, étnicas, grupos nacionais

Quadro 6: Línguas

A 22ª edição passou por revisão nas áreas de Ciências da Computação, Medicina, Geografia, políticas, tendências de vida e outras. Outra inovação é a *WebDewey* que disponibiliza a versão completa da CDD, juntamente com termos de índices relativos. É um serviço da OCLC que baseado em assinatura, recebe atualizações automáticas de índices, cabeçalhos de assuntos da *Library of Congress*.

O sistema de Dewey é o mais antigo dos sistemas de classificações modernas e tem por concepção a estrutura e os princípios filosóficos que remontam aos clássicos gregos, onde se iniciou a classificação filosófica. Trata-se de um sistema hierárquico, onde os conceitos são representados por relações de coordenação, subordinação e superordenação, sendo que as partes são relacionadas uma com as outras e com o todo. Nesse sentido, busca oferecer possibilidades para que ao serem classificados os documentos, eles sejam organizados no espaço locacional em uma lógica taxonômica. Acredita-se que os usuários possam fazer relações das classes com as suas áreas de conhecimentos, e com isso, se desloquem mais facilmente no ambiente organizacional das Bibliotecas ou unidades de informação. Do mesmo modo que em qualquer outra linguagem de classificação, a CDD procura levar em conta a dupla natureza dos documentos, ou seja, que eles são veículos de conhecimento e são objetos materiais, portanto, o acesso a eles é fundamental para avançar a ciência e para dirimir as dúvidas dos seres humanos.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO

Empiricamente entendemos que a percepção, do mesmo modo que a classificação, é intrínseca ao ser humano que, pelas sensações que lhe tocam possibilita ao sujeito conhecer o mundo à sua volta. A professora Marilena Chauí (1994) que a percepção se constitui de uma síntese de sensações simultâneas, pois o sensível é a qualidade do objeto e os efeitos dessa qualidade sobre nós. Em sendo assim, podemos dizer que a percepção é um processo no qual podemos selecionar classificar, organizar e interpretar a realidade que se apresenta ao homem, por meio do “toque” – estímulos captados pelos nossos órgãos dos sentidos. Corroborando, Linda L. Davidoff (2001, p.143-45) diz que “A percepção define-se como processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos”. Assim por meio do *inputs* sensoriais, considerados como os estímulos provenientes do meio ambiente, o homem percebe o mundo, adaptando-se a ele à medida que processa os dados sensoriais dele recebidos.

A percepção é estimulada pelo sentir e, esse processo envolve a vida social do ser, pois segundo Chauí (1994, p. 155) as “coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nela as coisas e as pessoas recebem sentido, valor ou função”, mostrando que existe um mundo percebido com sentido para o homem, que o mesmo organiza e estrutura em sua mente, conforme os seus conceitos formulados durante sua existência.

Os valores de uma sociedade são reconhecidos, somente por aqueles que o compartilham um exemplo seria o do livro de Izidoro Blikstein intitulado “Kaspar Hauser ou Fabricação da Realidade” que conta a História de Kaspar que aparece em 1828, em Nuremberg, com 18 anos de idade, criado desde a infância em um sótão sem nenhum contato com pessoas, por isso não identificava os valores daquela sociedade, conforme Blikstein (2003, p. 17)

Apesar de explicado pela linguagem, pelas palavras, por signos lingüísticos, enfim, a paisagem em que foi colocado Kaspar Hauser permanece turva e indecifrável. Tão turva quanto as sombras que se movem nos desertos de

seus pesadelos. Conhecer o mundo pela linguagem, por signos lingüísticos, parece não bastar para dissolver o permanente mistério e a perplexidade do olhar de Kaspar Hauser. Talvez porque a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação lingüística com que o recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade.

A percepção é a relação entre as coisas e o ser humano, pois os mesmos atuam no campo perceptivo e o percebido não se encontra alterado em suas formas. A percepção, portanto, é um conjunto de sensações do real, que contribuem para o aperfeiçoamento do habitar em sociedade.

No contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação nos deparamos, naturalmente, com inúmeras formas de percepção, tanto do ponto de vista do aspecto simbólica da Biblioteca, como do acervo, dos autores, dos assuntos, das Linguagens Documentarias - utilizadas como ponto de acesso locacioanal dos documentos nas prateleiras-, dos usuários entre outras coisas. Quer dizer, a percepção não pode ser somente compreendida no campo da biologia, pois, ela está, também, diretamente associada aos aspectos culturais e, portanto, modelos mentais de representação. Conforme, Neves (2006, p. 41) entre os modelos mais utilizados, encontram-se:

Esquemas – estruturas cognitivas relacionadas a um conjunto de conhecimentos armazenados em seqüência temporal ou causal, em que são mantidos os conjuntos de características dos objetos e seres que nos rodeiam.
Planos – conjunto de conhecimentos sobre o modo de agir para atingir determinados objetivos.
Roteiros – ações estereotipadas e predeterminadas aplicadas a situações definidas.
Superestruturas – conjunto de conhecimentos adquiridos à proporção que lemos diversos tipos de textos e efetuamos correlação entre eles.

Como podemos observar, esses modelos estão presentes em todo o contexto da Biblioteca, da busca e da recuperação da informação. Assim, quando os usuários buscam informações utilizam todos os seus esquemas e recebem estímulos do meio ambiente sobre as ofertas que o sistema lhe oferece, inclusive aquelas relacionadas a localização dos documentos nas prateleiras, como é o caso da linguagem documentaria de classificação. E, dependendo desses estímulos, poderá ter determinada percepção- positiva ou negativa - sobre essas linguagens.

4 PERCURSSO METODOLÓGICO

O trabalho caracteriza-se como pesquisa exploratória, pois tem como escopo esclarecer e modificar conceitos e idéias para contribuir com indagações posteriores acerca do estudo em questão. Segundo Gil (2006, p.43)

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

A pesquisa exploratória é o primeiro passo de uma investigação, pois ajuda a delimitar o tema escolhido, por meio da revisão de literatura. Esta, por sua vez, proporcionará ao pesquisador saber os autores que trabalharam com o tema proposto para uma estruturação conceitual e fundamentação científica.

O levantamento e a busca bibliográfica/documental foram realizados em sites especializados, artigos, dissertações e livros relacionados aos capítulos referentes ao marco teórico da pesquisa. Para falar de linguagem Edward Sapir expõe a importância da linguagem como qualquer outra função biológica do ser humano, já Anna Maria Marques Cintra, Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo, Marilda Lopez Ginez de Lara e Nair Yumiko Kobashi tratam a linguagem direcionada para as linguagens documentárias.

A classificação é abordada sob o olhar de I. Dalberg (2008), pois esta trata o tema em um aspecto de fundamentação teórico-conceitual da classificação e seu aperfeiçoamento como organização do conhecimento.

O método aplicado na pesquisa em curso é o estruturalismo, que por meio de estruturas, tenta explicar a realidade. Segundo Gil (2006, p. 37) “O estruturalismo parte do pressuposto de que cada sistema é um jogo de oposições, presenças e ausências, constituindo uma estrutura, onde o todo e as partes são interdependentes.” Mostrando que, a alteração que ocorre com um atinge o todo.

Foi pensando segundo esse método, que construí os tópicos do presente estudo, sistematizando, conforme me foi mais coerente, pois de acordo com Dufrenne (1968, p.84 *apud* Gil, 2006, p. 38)

a estrutura é um instrumento forjado pelo cientista para, mediante a decodificação, compreender a sociedade e a cultura, e para fazer as instituições aparecerem como regras derivadas de um operador oculto; o modelo é então inventado para exprimir em termos inteligíveis uma realidade que por si mesma é opaca e muda.

Então, a percepção dos usuários sobre a classificação será descrita em redes de relações, por meio de uma análise estrutural. Para isso iremos utilizar o questionário como um meio de coletar as informações de um determinado grupo.

Segundo Gil (2006, p. 128) o questionário é “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

O questionário possui oito questões abertas e duas fechadas procurando identificar de início o curso e semestre, posteriormente sua compreensão e, por fim sugestões. A fim de podermos ter uma diversidade de áreas do conhecimento, visando obter uma visão geral da compreensão dos alunos da UFC sobre a linguagem de classificação utilizada no sistema de bibliotecas, coletamos os dados junto aos usuários do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará, sendo contempladas as bibliotecas do Centro de Humanidade, Centro de Ciências da Saúde, Centro de Ciências e Tecnologia, Biblioteca do Departamento de Física e do departamento de Matemática.

Nossa amostra constituiu-se de cinquenta (50) sujeitos, tendo-se distribuídos os questionários, conforme a seguir: 10 na BCH, 10 BCS, 10 BCT, 10 BDF e 10 BDM. A pesquisa empírica foi feita pelo pesquisador *in loco* na qual solicitamos a colaboração, entregamos os questionários e aguardamos pela devolução, razão pela qual tivemos 100% de retorno. Mas quatro usuários que responderam os questionários são formados e estão fora do público alvo da pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo por base a problemática e os objetivos da pesquisa, trataremos nesse capítulo da análise dos dados e discussão dos resultados. Para tanto, estruturamos os achados do estudo empírico em duas categorias conforme a seguir: perfil dos usuários; entendimento e avaliação da linguagem adotada nos códigos de localização do documento (classificação).

I) Perfil dos usuários

Na busca em conhecer o perfil nosso interesse era saber se conforme o semestre, o curso e a frequência á biblioteca, o estudante da UFC, entenderia melhor os códigos adotados para a organização e a localização dos documentos nas estantes. Na pesquisa ficou evidente que o perfil da maioria dos estudantes (12%) pertence à área de ciências exatas, precisamente estão no curso de química e cursam o sétimo semestre, bem como matemática, também, com 12 %, porém com predominância no terceiro semestre. Os cursos investigados encontram-se apresentados no gráfico-1

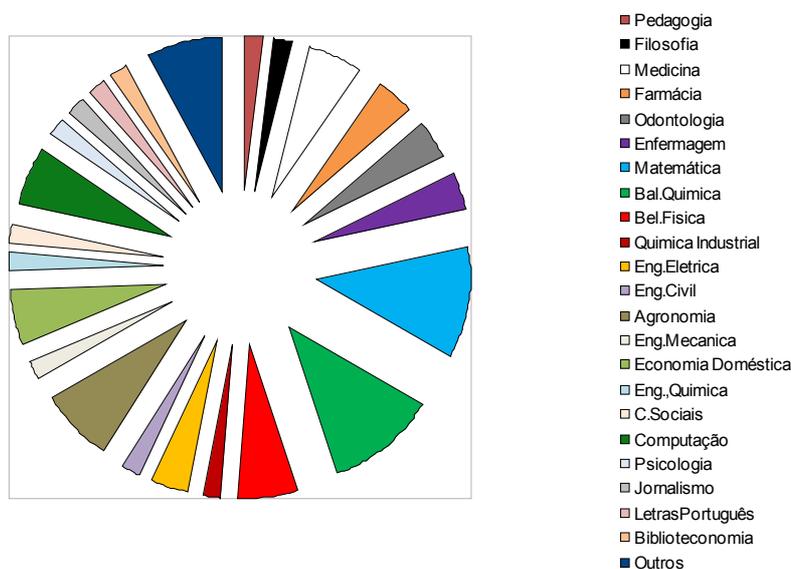


Gráfico-1- Perfil dos participantes

Ainda na categoria perfil do usuário, buscamos saber a sua frequência à biblioteca, pois, acreditávamos que sua assiduidade a esse ambiente o levaria ao melhor entendimento dos códigos alfanuméricos como linguagem de classificação. A maioria dos estudantes (62%) apontou que vai a biblioteca somente quando há necessidade. Embora, nosso objeto de estudo não seja especificamente referente a estudos de usuários, o referido dado não pode passar despercebido, pois, pode denotar várias interpretações. Uma é de que as bibliotecas não oferecem fontes e serviços de informação suficientes para atrair os estudantes, outra é de que os serviços oferecidos podem não ser atrativos para eles ou ainda, porque esses estudantes possuem suas próprias fontes de estudo e, no caso da BCH talvez o calor seja um fator que influencia a negativamente a frequência a essa biblioteca.

II) Entendimento e avaliação da linguagem adotada nos códigos de localização do documento (classificação).

Para melhor entendimento desta categoria a dividimos nas seguintes subcategorias, a saber: percepção da linguagem de classificação e relacionamento do código alfanumérico com a área de conhecimento do usuário; avaliação do usuário em relação aos códigos alfanuméricos adotados no SBUFC, as quais serão analisadas detalhadamente.

a) Percepção da linguagem de classificação e relacionamento do código alfanumérico com a área de conhecimento do usuário.

A vida acadêmica nos possibilita observar o mundo com “outros olhos”, especialmente assuntos relacionados com a área de conhecimento do pesquisador. É o que aconteceu conosco, enquanto estudante do primeiro semestre do Curso de Biblioteconomia da UFC. Pudemos observar que a biblioteca como referência de localização do conhecimento acadêmico possuía uma ordenação hierárquica de organização de documentos nas estantes que, embora percebêssemos se tratar de uma seqüência numérica do menor para o maior, não conseguíamos entender que se tratava de uma categorização por áreas de conhecimentos e de uma linguagem

documentária. Somente tivemos essa compreensão a partir do quarto semestre na disciplina de Análise da Informação. Então, se eu como estudante de biblioteconomia não tinha essa compreensão, imagine os estudantes de outros cursos? Justamente por isso, buscamos verificar, nessa pesquisa, a percepção dos estudantes em relação a essa linguagem, solicitando-lhes que justificassem suas respostas.

A maioria deles (56%) expressou desentendimento dos códigos alfanuméricos como linguagem de classificação. As justificativas das respostas foram inúmeras, desde aquelas relacionadas à falta de entendimento da lógica do código, a sua complexidade, até a falta de informação sobre esse código. As falas a seguir ilustram muito bem essa análise.

“Como eu não entendo a lógica desse código, para mim ele apenas auxilia na localização do livro em questão” (E3)

“Por que não há nenhuma informação sobre o significado dos códigos. Só comecei a entender no 8º semestre”. (E48)

“Por tratar-se de uma ‘floresta negra’, ou algo verossímil, sem guia”. (E40).

“Fica difícil encontrar a localização do livro pelo código e eu não sei em que é baseada essa classificação”. (E24)

As falas aqui apresentadas deixam transparecer o desconhecimento sobre a classificação como linguagem. Os usuários falam sobre falta de informação sobre os códigos que não conhecem, chegam à biblioteca e se sentem perdidos sem saber como procurar. Isso demonstra a falta de comunicação entre a classificação e o usuário, portanto, entre a biblioteca, enquanto um sistema, e o sujeito que busca informação. Na área de Biblioteconomia e mesmo da Ciência da Informação, sabemos que a classificação é uma ferramenta para facilitar a recuperação da informação. Contudo, para o usuário, muitas vezes a classificação dificulta o acesso e a recuperação da informação, como enunciado pelos participantes da pesquisa.

A falta de comunicação entre a linguagem de localização dos livros e os usuários expõe a não familiarização com essa linguagem, por parte da maioria dos alunos, portanto, com a organização da biblioteca. Eis a justificativa de um estudante *“porque é difícil decifrar que os números está (sic) ligado a sua classificação” (E11)*. Outros alunos afirmaram que a classificação é “muito complicada” para se

entender. Daí a necessidade de sua simplificação: “*muito confuso*”. (E30); “*Pois não facilita o acervo*”. (E36). Também tivemos textos expressam essa incompreensão:

“O código usa de muitos números e letras, isto dificulta muito. Portanto, deveria ser mudado para um sistema mais simples”. (E18);

“É difícil de encontrar o livro procurado”. (E22)

“Porque a leitura as vezes causa confusão p/ encontrar os livros. Poderia ser uma linguagem mais simples”. (E12)

Também ficou constatado, na pesquisa, que o desentendimento da classificação pelos estudantes não está relacionada nem ao hábito de frequentar a biblioteca, tampouco, ao período que esses estudantes estão cursando fato manifesto na fala de um estudante do 5º semestre que assinalou no questionário frequentar a biblioteca quando necessário:

“Apenas entendo o código alfanumérico como uma ordenação dos cursos. Agora que estou sabendo que há uma correlação com uma área do conhecimento” (E7).

Outro estudante do 1º semestre que também marcou no questionário ir a biblioteca somente quando necessário, expressou-se;

“Não sei se é porque não estou acostumado, mas torna muito difícil a localização dos livros, tanto é que nunca recorri aos códigos para efetuar minha procura” (E8).

Do mesmo modo, encontramos um estudante do 4º semestre e cuja frequência apontada é uma vez por semana, e que consideramos como regular se manifestou assim:

“Para as pessoas leigas, causam uma certa confusão. Não possui fácil compreensão”. (E13)

Para os construtores das linguagens documentárias, no caso os códigos de classificação, os números e as letras desse código apresentam uma lógica que, na maioria das vezes, somente os bibliotecários a entendem, pois, essas linguagens são bastante trabalhadas nos Cursos de Graduação em Biblioteconomia. Porém, como podemos observar os depoimentos até aqui destacados confirmam o que se discute

bastante, a esse respeito, em algumas das disciplinas ministradas durante a graduação em Biblioteconomia. Quer dizer, a necessidade, tanto de se simplificar o uso dos códigos, como também, promover a divulgação desses códigos junto aos usuários, a fim de que seja possível estabelecer um diálogo mais inteligível entre a biblioteca e seus clientes, independente se estudante, professor ou servidor técnico administrativo ou outro.

Outra ação para minimizar os problemas apontados pelos estudantes, seria que a cada início de semestre as bibliotecas promovessem, a recepção dos estudantes, não apenas dos calouros, oferecendo treinamento de usuários, esclarecendo sobre os códigos alfanuméricos como linguagens para a recuperação da informação etc.

Em relação aos 44% de estudantes que responderam afirmativamente a essa questão, mostraram que o objetivo da classificação é a organização de um ambiente complexo e a recuperação da informação nesse ambiente. As respostas são diversas, mas o entendimento delas é o mesmo.

“Há uma facilitação na busca pelos livros”. (E27)

“Sim. Eu consigo entender”. (E44)

Também encontramos os estudantes que, embora tenham afirmado entender a classificação como linguagem, não deixaram de mencionar a dificuldade de compreensão dessa linguagem, fato que pode ser comprovado por meio dos discursos:.

“De certa forma sim, mas esses códigos deixam a desejar, poderiam ser mais explicativos.” (E46)

“Sim. Caso contrário não seria necessário este código, apesar de serem complicados (E9)

Outros enunciam com maior clareza o seu entendimento do código alfanumérico como linguagem de classificação destacando algumas de suas características, por exemplo, ordenação por assunto, estruturação por área de conhecimentos. Vejam-se as falas a seguir.

“Porque, a partir deles, é possível localizar livros por assunto”. (E26)

“Porque pode-se observar que livros de uma mesma área do conhecimento possuem o código alfanumérico”. (E2)

“Porque estão ordenados de acordo com a numeração e em ordem alfabética”. (E5)

“Porque é uma forma de entendimento classificatória (sic) dos livros de acordo com certo critério do livro” (E47)

Os estudantes citaram que os livros podem ser recuperados por assunto, isto está dentro do entendimento da teoria da classificação, pois ela categoriza em classes por semelhança, possuindo uma ordenação numérica e alfabética. Quanto mais extenso o número, mais específica é a área do conhecimento. Os usuários que entendem a classificação possuem autonomia em suas pesquisas, pois não dependem dos bibliotecários para desenrolar suas buscas.

Algumas respostas chamaram nossa atenção, pois os estudantes se expressaram com muito entendimento sobre os códigos alfanuméricos como uma ferramenta para a localização e a recuperação da informação. Eles não são do Curso de Biblioteconomia, e muito menos da Área de Ciências humanas, são estudantes do Curso de Física (bacharelado) e ambos cursam o 3º semestre e da Química (bacharelado) 7º semestre. Vejam-se as passagens:

“Sim, pois no código é indicado a letra inicial do autor, do título e se o livro pertence uma determinada área”. (E28);

“No número de chamada (depois dele) aparece um número e uma letra, com alguns números, e após outra letra. O número corresponde a uma área do conhecimento, a 1ª letra ao do autor e a última ao título do livro”. (E31).

“Bem, na minha opinião, eu entendo. Não tem erro, ou seja, a partir do momento da pesquisa no banco de dados (Pergamun), tem-se o número de chamada dos exemplares, bem como a sua localização da estante identificada. Já para os outros usuários, não posso afirmar o mesmo” (E32)

Esse fato pode ser decorrente de que no Curso de Física existe uma biblioteca exclusiva e cuja atuação é bastante reconhecida na Universidade, inclusive promove a cada semestre treinamento de usuários. No caso do estudante de química, isso pode ser, igualmente, o reflexo dos treinamentos de usuários que fazem parte da

programação da Biblioteca de Ciências e Tecnologia. Esses entendimentos acima, expostos pelos universitários, normalmente, somente bibliotecários e estudantes de biblioteconomia dominam. A curiosidade destes usuários superou a de outros estudantes, pois eles não possuem disciplinas que estejam relacionadas à classificação e muito menos a organização de bibliotecas, mas sabem pesquisar com todo um entendimento específico da ordenação das estantes.

b) Relacionamento do código alfanumérico com a área de conhecimento do usuário

Um dos problemas da pesquisa centra-se na compreensão que os usuários do sistema de Bibliotecas da UFC têm das linguagens documentárias em relação a sua área de conhecimento. O código alfanumérico se estrutura na classificação, que, por sua vez contribui para a organização do acervo segundo a área de conhecimento. Então, temos um pressuposto de que, conforme os estudantes fossem utilizando o acervo, imediatamente perceberiam essa categorização e conseqüentemente associariam esses códigos a sua área de estudo. Qual foi nossa a surpresa?

A nossa surpresa foi à desproporcionalidade nas respostas apregoadas pelos estudantes acerca da identificação ou não, do código alfanumérico à sua área de conhecimento. Pois, por meio da classificação os estudantes localizam com maior precisão o documento no acervo. Mas as respostas foram impressionantes, apesar de termos a noção de como seria. Os usuários que responderam não foram (76%) e os que responderam sim correspondem apenas (7%). A maioria das falas deixa claro o desconhecimento de que os códigos alfanuméricos (classificação) categorizam as áreas de conhecimento. Observe alguns enunciados a seguir:

“não, pois não sou capaz de identificar a classificação que relaciona o código alfanumérico à minha área de conhecimento”. (E2)

“não, eu não faço a mínima idéia o que seja isso”. (E6)

“não, não sei identificar o que cada letra e número significa”. (E29)

“Não. Porque não conheço como funciona o sistema”. (E13)

“não, nunca parei para pensar sobre isso”. (E3)

“não, pois esses números não diz a área de conhecimento”. (E18)

As falas mostram que não há qualquer relação de entendimento da classificação e isso expõe que existem ruídos na comunicação usuário-Classificação e o não conhecimento prejudica as atividades básicas dos usuários tipo fazer uma busca sem o auxílio do funcionário.

O universitário da Federal necessita conhecer a linguagem alfanumérica, por meio dela, ele irá perceber que as fontes de sua área de saber encontram-se todas próximas umas das outras, o que poderia facilitar a identificação de outras obras que poderiam responder as suas inquietações. A Biblioteca é um lugar, onde os estudantes buscam respostas para suas dúvidas sobre o conhecimento durante a graduação, ela está sempre à disposição dos alunos da UFC. Mas, a partir do momento que eles dizem não entender as letras e os números como correspondente a sua área e aos autores que nela transitam, isso é indicio de que eles não estão familiarizados com o sistema de classificação, e, portanto, somente percebem os materiais informacionais para os quais anotaram o código.

Também identificamos um aluno que diz: *“não, sempre peço auxílio”*. (E47). Essa resposta demonstra, mais uma vez, que a classificação não faz parte diretamente da vida daqueles que visitam a Biblioteca, enquanto códigos que dizem respeito às áreas de saberes. Assim, ela passa despercebida pelos os usuários e isso ocasiona dependência no momento da localização das fontes.

Outro estudante desabafa, *“não, porque nunca me explicaram”*. (E42). Este anunciado é interessante para análise, pois também quando ingressei no curso de Biblioteconomia, não entendia os códigos e nunca encontrei pessoas da Biblioteca que me explicassem do que se tratava. Somente entendi isso a partir do 4º semestre. Portanto, uma iniciativa para solucionar esse problema seria fazer periodicamente treinamento de usuários, explicando que os códigos alfanuméricos são estruturados por áreas de conhecimentos, mesmo que de forma arbitrária. Outra iniciativa é que os profissionais da informação devem atentar, para a necessidade de sinalização, pois se o código e a área de concentração estivessem estampados nas prateleiras ajudaria a facilitar a localização. O usuário teria uma forma de associar o código e a área do

saber, afinal já se comprovou nas teorias de aprendizagem que por meio da visualização de imagens a compreensão se efetiva mais rapidamente, e por extensão a autonomia. Desse modo, nos momentos em que houvesse falha do sistema, o estudante já teria associado em sua cognição os códigos associados a sua área e, portanto, saberia se deslocar nas estantes a fim de localizar os documentos que necessitasse.

Outros estudantes deixaram transparecer em suas falas que a extensão do código, tanto complexifica a sua compreensão como também se torna cansativo para a interpretação dos números.

“não, por ser um código muito extenso”. (E34)

“não, não tenho paciência de está lendo números” (E12)

“Não, pois devido à complexidade do código apenas o utilizo para identificar a localização do livro, Não o entendo como meio classificativo”. (E14)

Por isso voltamos a afirmar que unir o código alfanumérico e a escrita da área do conhecimento por meio da sinalização poderia ajudar na compreensão dos usuários que não entendem a classificação. Pois em suas expressões mostram que utilizam os códigos, mas não o reconhecem como uma forma de estruturar o conhecimento em classe. A associação de números e letras na classificação resulta em uma determinada área do conhecimento, para quem entende, pois a classificação como qualquer outro código necessita que as pessoas que irão lê-la conheçam os signos a ponto de interpretá-los corretamente.

O código, como toda linguagem, faz parte de uma cultura inteligível por uma comunidade, grupo, tribo dentre outros. Quando o usuário entra em contato com o código de classificação tem um choque de cultura e isso o impossibilita de decifrá-lo como representação de sua área. Essa falta de compreensão pode, ainda, contribuir para vários transtornos, como por exemplo, ansiedade porque não sabe encontrar o livro e ele é necessário para uma atividade acadêmica, daí a complexidade apontada pelo estudante. Isso pode ser trabalhado pelos bibliotecários, pois nada melhor para dizer se a classificação adotada na Biblioteca é compreensível ou não pelo o usuário.

Os métodos ou as formas de se organizar um ambiente informacional têm que ser apresentadas aos seus clientes.

Os demais participantes da pesquisa (7%) que expressaram saber identificar a sua área de conhecimento na Biblioteca por meio da linguagem de classificação justificaram suas respostas a seguir:

“sim, devido as vezes que já procurei livros”. (E33)

“Sim. Pois nunca tive dificuldades, até porque estão organizados de modo que eu possa entender”. (E5)

Por meio das respostas fornecidas podemos observar que o primeiro usuário deixa transparecer que o constante uso dos livros da sua área o fez entender que os códigos alfanuméricos são estruturados conforme as áreas de conhecimentos.

A segunda resposta dada por um aluno do curso de Filosofia que está no 3º semestre, afirma não ter dificuldades, dando a entender que a compreensão da classificação como representativa das áreas de conhecimentos é algo simples. Provavelmente esse entendimento ocorra, por se tratar de um estudante do curso de Filosofia, que se fundamenta na interpretação da realidade, fato que nem sempre acontece em outros cursos, o que poderia facilitar a compreensão dos códigos na perspectiva anterior. Não podemos esquecer de que a Filosofia foi o primeiro campo a estruturar o conhecimento e a estudar o pensar dos atores que iniciaram com as primeiras pesquisas de classificação o saber humano. Embora, possamos considerar que os alunos de Filosofia tenham maior subsídio em relação aos outros estudantes para a percepção que a classificação bibliográfica é estruturada por áreas de saberes, não podemos esquecer que a curiosidade é essencial para se descobrir a organização da Biblioteca e, especificamente, a localização da sua área de conhecimento.

Outro universitário argumenta que se visse o código poderia identificar a sua área: *“Sim, caso eu estivesse o vendo”. (E44)*. Ver é uma forma de gravar na mente o objeto observado e isso reforça o que foi comentado no outro tópico, que a imagem tem uma fundamental importância na compreensão do ser humano e as

bibliotecas da UFC devem diversificar seus recursos de visualização para que os usuários possam entender a linguagem de ordenação do conhecimento.

Ainda em nosso estudo empírico detectamos um estudante que afirmou não ter dificuldade, pois houve treinamento:

“Sim, pois no início do curso tivemos uma aula para aprendermos como utilizar os sistemas de pesquisas na internet e como procurar os livros na Biblioteca”. (E27)

Conforme podemos observar no discurso do estudante a sua relação com o código de classificação não transparece dificuldade, pois no início do primeiro semestre ele recebeu orientações de como utilizar os meios de busca da informação na Biblioteca. Provavelmente, este passou por um treinamento de usuários que é ministrado pelos bibliotecários. Isso ratifica que se houvesse uma estreita relação das Coordenações dos cursos com as Bibliotecas com o intuito de oferecer treinamentos de usuários ou capacitação no uso da biblioteca trabalhando a classificação na perspectiva da representação de conhecimentos, possivelmente os alunos teriam melhor entendimento dos códigos facilitaria as suas buscas de informação. Isso poderia despertar nesses alunos um interesse ou cuidado em conhecer as possibilidades de localizar a informação na biblioteca. Isso produz confiança e autonomia no usuário na sua graduação, pois os bibliotecários são preparados para contribuir no crescimento acadêmico, por meio da orientação na busca e localização de recursos informacionais, mas isso não é suficiente para o universitário. A vida acadêmica gera muitas perguntas e desafios, que para responder e fundamentar necessita dos conhecimentos registrados que estão ordenados na Biblioteca ou ainda em outros ambientes. Daí a exigência da capacitação informacional para a autonomia do usuário.

Um usuário do 3º semestre do curso de Física conseguiu identificar a sua área de conhecimento, conforme fica evidente:

“Sim. Como foi dito acima, o número correspondente a Física está entre 515 e 545”. (E31)

Não poderíamos deixar de destacar o conhecimento do aluno acerca da classificação, pois de todos os que responderam à pesquisa ele foi o único que representou em números a classe da Física. Talvez, o porquê do conhecimento seja pelo fato de haver no Curso de Física uma Biblioteca especializada e não uma Biblioteca geral. Outro fato que também pode ter colaborado para isso, é que nesta biblioteca é feito o treinamento de usuários. O usuário que identifica como funciona a classificação de sua área no início do curso, com certeza se aperfeiçoará conforme for utilizando e esse saber lhe será útil.

Outro universitário também do curso de Física, do 3º semestre respondeu com muita propriedade, ao nosso questionamento, inclusive, detalhando a notação de autor.

“Sim, por ex: Livro: Física 2 Resnick (Autor) terá iniciais R e F e Provavelmente e BCF”. (E28)

Esse usuário explica como funciona a leitura da etiqueta dos livros da Biblioteca, o que se destaca, pois é um conhecimento específico e está ligado à Biblioteca da Física. Ainda temos outro participante, um aluno do curso de Química Bacharelado do 7º semestre que igualmente detalhou o código alfanumérico.

“Sim. Na área de Química, os livros ficam localizados na estante com numeração 541.xx é a variação de números por área específica, ou seja, Química analítica, Química orgânica, Química inorgânica, físico-química, Química geral, termodinâmica, dentre outros”. (E32)

Essa passagem demonstra uma compreensão profunda de como se estrutura a classificação, apontando a classe geral -541- e detalhando que a seguir a esse número separado pelo ponto vem às ramificações da área.

Ressaltamos que o aluno de química foi encontrado na Biblioteca de física, porém, lembramos que na Biblioteca Setorial de Ciência e Tecnologia, do mesmo modo que na de Física, são ministrados treinamentos de usuários. Isso mostra que o trabalho desenvolvido *in loco* tem direcionado os usuários por um caminho de independência, pois o conhecimento adquirido possibilita uma busca direcionada, identificando o processo classificatório por meio do uso do código.

Dois usuários se expressaram de forma que não pudéssemos identificar o sim ou o não, pois as palavras escritas não mostram certeza, observe

“Mais ou menos é conjunto”. (E22)

“Acho que sim. Para tanto demando algum, ou melhor dizendo, muito esforços”. (E40)

A forma como esses universitários se colocaram é representativa da reação humana ao se expressar em relação a algo que desconhece, pois as suas respostas deixam explícitas as dificuldades de se conhecer ou identificar a área do conhecimento por meio dos códigos alfanuméricos das linguagens documentárias de classificação. Isso mostra que a linguagem da Biblioteca não faz parte do seu cotidiano o que demanda uma atenção especial por parte dos bibliotecários e dos funcionários, no momento do atendimento, a fim de que essa linguagem possa ser explicada detalhadamente de maneira que possa ser utilizada e melhor entendida pelo usuário. Desse modo, ele vai entender que quando observar o código possa associá-lo a sua área de conhecimento, portanto, não ficará dependente do auxílio do pessoal da biblioteca para localizar os livros nas estantes, quando de suas pesquisas.

c) Os códigos alfanuméricos contribuem para a recuperação da informação do usuário

Um dos questionamentos feitos aos usuários foi saber se a classificação contribuía para a recuperação da informação. Em realidade, nosso interesse nesse tema é porque os códigos alfanuméricos são a chave para se recuperar os documentos nas estantes. Então, era de se esperar que as respostas fossem bastante positivas a esse respeito. Contudo, as respostas vêm de encontro ao nosso entendimento, pois o que se evidenciou foi um equilíbrio entre 48% que se expressou positivamente e 46% negativamente. Eis algumas justificativas para aqueles que responderam sim:

“Ajudam bastante na localização de livros”. (E14)

“Porque de acordo com o código podemos encontrar facilmente os livros desejados”. (E47)

“De certa forma contribui, mas para quem não sabe fica extremamente difícil”. (E46)

“Embora eu não esteja bem informado sobre a utilização de códigos alfanuméricos, acredito que sua utilização pode facilitar a busca de alguma informação, pois se for realizada uma busca através desse código, poderá se chegar a livros de um mesmo assunto”. (E2)

As falas de outros usuários deixam transparecer que eles têm em suas mentes o entendimento da classificação, como algo que ordena a informação, logo, isso pode ser algo positivo no momento das buscas. Vejam-se a seguir

“No mínimo, não deve atrapalhar. Deve haver mesmo uma ordem de organização”. (E10)

“Porque organizam as informações”. (E20)

“Porque facilita alugar o material na biblioteca”. (E24)

“Porque permite sua localização”. (E26)

“Porque quando as coisas são organizados por letras e números, torna-se mais rápido e eficiente”. (E27)

“Visto que, o livro requerido encontra-se organizado uma numeração específica e área de conhecimento. Logo, eles facilitam muito à “vida dos estudantes”. (E32)

Conjuntamente, outros universitários entendem que embora a classificação possua uma finalidade e reconhecem a sua importância para localização do livro na estante, eles apontam a necessidade de que seja explicado para que serve a classificação e, além disso, sugerem que haja maior divulgação para os usuários.

“Sim, mas seria necessário que fosse explicado aos usuários como utilizá-los”. (E9)

“Sim, mas deve haver uma divulgação do seu significado. Acho também que deveriam ser criados códigos mais simples de serem correlacionados”.
(E7)

“Ajudaria se houvesse informação explicando o seu significado” (E48)

Como podemos observar nas falas, os usuários cobram maior aproximação da biblioteca, no sentido de esclarecer a estrutura organizacional dos materiais e das linguagens utilizadas para tal. Revelando que, apenas a organização desses materiais não lhes confere a certeza de compreensão por parte dos usuários. Daí, ser imprescindível que os bibliotecários tenham outros olhares para além do mero tratamento informacional como indicador de conteúdos informacionais.

Ainda tivemos aqueles estudantes que deixaram revelar certa dependência ou acomodação frente ao uso dos códigos alfanuméricos como ferramenta que contribuem para a recuperação da informação: *“Sim, mesmo que eu não saiba, existe alguém que sabe para recuperar a informação”.* (E43). Enquanto outro, reforçando que o uso desses códigos dão melhor resultados nas buscas feitas pelos bibliotecários:

“Sim, mas com maior resultado para os bibliotecários”. (E28).

“Porque eles [bibliotecários] encontram a informação com mais precisão”.
(E4)

Os discursos reforçam o que se discute muito no curso de Biblioteconomia, que as classificações são uma espécie de esfinge, feitas para os bibliotecários e, somente eles são capazes de decifrá-las, portanto, assim como acontece no mito, os usuários são devorados, por ela, justamente porque são incapazes de decifrá-la, como fez Édipo com a Deusa Hera. Reforçando o que já falamos anteriormente, os usuários entendem para que é utilizada a classificação, mas falta a orientação para que eles identifique especificamente o que ela significa na Bibliotecas.

Em relação aos 46% dos participantes da pesquisa que responderam contrariamente ao que esperávamos -a classificação é um “caminho” para a recuperação física dos materiais-, obtivemos várias justificativas, desde a falta de entendimento do código até a falta de informação sobre esse código.

“Não é um código de fácil entendimento”. (E36)

“Pois nem sempre ajudam”. (E35)

“Dificulta a localização”. (E34)

“Não. Porque não conheço como funciona o sistema”. (E13)

“Não. Porque a leitura às vezes causa confusão p/ encontrar os livros. Poderia ser uma linguagem mais simples”. (E12)

Os usuários falam que é difícil entender, procurar e conhecer como funciona o sistema. Podemos observar que o não conhecer o sistema irá dificultar a localização, com isso não ajudará a recuperação da informação. As respostas estão interligadas e se complementam, pois a falta de conhecimento implica em não saber, com isso os usuários se sentem excluídos da linguagem de classificação das Bibliotecas. Uma prova disso é a fala de outros usuários:

“Nunca fui informada a respeito”. (E5)

“Não. Pois não facilita. Dificulta”. (E40)

Também nos deparamos com um aluno que, além de apontar que os códigos não contribuem para recuperar informação, argumenta que os mesmos são confusos e que por isso muitas vezes desiste de procurar o documento, consoante a sua voz: *“Eu me confundo muito e as vezes desisto de pegar os livros”. (E6)*. Analisando o que E6 falou podemos ver a gravidade da situação, se esse livro fosse para uma prova ou um livro base para uma apresentação de seminário? Como o aluno iria ficar em relação à disciplina? Como justificaria aos seus professores, que não encontrou na Biblioteca ou não sabe procurar?

O texto manifesto pelo aluno E23 expressa que somente decora o código para pegar o material. *“Eu apenas decoro o número que corresponde ao livro que eu desejo e vou em busca dele, mas acho tais códigos um pouco complicados”* (E23). Para muitos, isso seria suficiente, entretanto, se refletirmos com maior precisão, veremos que não é bem assim. Por exemplo, se o documento estiver emprestado e houver outros de autores diferentes trabalhando com o mesmo tema que poderiam ser úteis para o usuário, ele não se dar conta, pelo fato de apenas decorar o código de classificação. É bom lembrar que para utilizar o coerentemente a linguagem documentária, é necessário conhecê-la, pois ela possui uma lógica de ordenação que para assuntos gerais pode até ser fácil de encontrar, mas, para os específicos cuja construção demanda acréscimos de números e pontos, isso se torna mais difícil.

Tal como os demais depoimentos, demais alunos expressaram as dificuldades, porém, tais respostas são importantes para se mostrar e analisar devido a clareza com que expressam seus enunciados, inclusive dando sugestões de cores e apontando, mais uma vez que a classificação é restrita, somente aqueles que são acostumados a utilizá-las. A Sugestão , de cores vai ao encontro do que foi dito sobre as sinalizações que deveriam ter outras possibilidades de acesso.

“Não. Porque sempre que procurar os números e as letras desejadas. Se fosse com cores melhoraria muito.”. (E18)

“Para quem já está acostumado é fácil identificá-los, mas quem só aparece para pegar o livro é, muitas vezes, trabalhoso”. (E31)

“porque eu não entendo como funcionam os códigos”. (E42)

d) As dificuldades e facilidades na compreensão dos códigos alfanuméricos

Nesse item solicitamos que os estudantes apontassem as dificuldades e facilidades na compreensão dos códigos alfanuméricos utilizados para a busca e a recuperação da informação. A maioria deles aponta somente dificuldades (44%), contra 12% que registram as facilidades e, igualmente 12% referem-se as duas

possibilidades, os demais (22%) não responderam. Solicitados a justificar suas respostas, obtivemos um rol delas contemplando o desconhecimento, a falta de compreensão, falta de explicação aos usuários, dentre outras coisas. Isso tudo se configura na complexidade do entendimento da classificação para aqueles que não tiveram uma orientação adequada. As manifestações de dificuldades foram sucintas e diretas, veja:

“Dificuldades. Porque normalmente é desconhecido o sistema alfanumérico e o seu funcionamento”. (E27)

“Não há aconselhamento a respeito desses códigos impossibilitando a compreensão dos mesmos”. (E3)

“não entendo o seu significado, apenas consigo usá-lo para achar uma informação por causa da ordenação das prateleiras”. (E7)

“Não sei interpretar o que cada número/letra intenta comunicar”. (E26)

“É difícil compreender o que significa o código”. (E24)

“Não acho coerente”. (E1)

As falas dos alunos são contundentes em afirmar que o código de classificação não faz parte do seu conhecimento acadêmico, ou melhor, da sua vida universitária, embora a classificação que é um processo de categorização seja extremamente próxima ao processo cognitivo humano, essa realidade não é perceptiva a maioria dos usuários do sistema de Bibliotecas da UFC.

Encontramos também os estudantes que apontam o excesso de números utilizados para identificar os assuntos tratados como responsável pela dificuldade na compreensão desses códigos.

“Os códigos são muito grandes”. (E23)

“Dificuldades: muitos números”. (E13)

“É muito extenso e complexo e, não há informações sobre as mesmas, como Não tem pessoal para nos ajudar”. (E6)

Na lista apontada, verificamos um usuário que afirma ter dificuldade e por isso não se baseia nos códigos/Linguagem: *“Dificuldade. Não me baseio por elas”. (E39)*. Isso demonstra, de um lado, a sua autonomia etnográfica ao se deslocar no espaço da biblioteca, fazendo suas consultas da forma que melhor lhe convier. Por outro lado, ele poderá perder muito tempo para localizar os documentos que precisa. Contrariamente, o estudante (E47), aponta dificuldades, porém, solicita ajuda do pessoal da biblioteca. *“Dificuldade. Sempre preciso de ajuda”. (E47)*

É interessante que um estudante apontou que o código não transmite qualquer informação para ele; *“Dificuldades. Pra mim o principal problema é a falta de informação”. (E48)*. Quer dizer, que a notação da classificação não comunica nada para o aluno, fato preocupante, pois, como sabemos o propósito da classificação é facilitar a comunicação, desde que seja desde que seja uma via dupla, compreensível pelo emissor (no caso a biblioteca) e o receptor. A fala do participante (E34) expressa nosso pensamento: *“Facilita somente para os bibliotecários, que tem conhecimento desse código”*.

Outros destacaram que as dificuldades são enormes, mas, a principal é a falta de treinamento de usuários no sistema de Bibliotecas da UFC, *“Falta de instrução”. (E43)*; *“Se houvesse um treinamento para os usuários, facilitaria nossa vida”. (E30)*.

Não podemos deixar de ressaltar que alguns estudantes da UFC apontaram que as dificuldades estão relacionadas a desorganização do acervo, pois muitas vezes os livros não estão nas estantes que deveriam estar:

“A dificuldade é que nem sempre o livro está no local indicado”. (E25)

“[...] o livro está localizado no local onde deveria. Já teve uma vez que o livro estava em outra estante”. (E11)

As facilidades dos usuários em relação as buscas nas Bibliotecas estão diretamente relacionadas com o conhecimento que eles tem sobre como essa instituição está organizada.

“Considero que ao buscar um título relacionado a uma determinada área de conhecimento, é possível utilizar um mesmo código, porém informações como caso(SIC) não são divulgadas aos usuários”. (E2)

“Se você conhece a organização da biblioteca, é fácil encontrar o que deseja pelo código afixado nas estantes”. (E20)

“Se a informação é a localização do livro, quando quero localizá-lo, consigo; quando quero localizá-lo novamente só não consigo quando ele não está lá”. (E44)

“Não há dificuldades”. (E5)

A partir dessas passagens podemos inferir que se esse grupo aponta facilidades no uso da classificação para a recuperação da informação, significa que os bibliotecários poderiam descobrir meios para que todos os usuários viessem a entender a linguagem e assim tirar melhor proveito quando das buscas de informação

No que diz respeito ao grupo de estudantes que apontou as dificuldades e facilidades as respostas contemplam vários aspectos que, para melhor entendimento as apresentamos no quadro 1.

Dificuldades	Facilidades
<p><i>[...] devido a complexidade dos mesmos, fica complicado entendê-los como linguagem de classificação”.(E14)</i></p> <p><i>“Existem grandes semelhanças nos códigos, isto dificulta”. (E18)</i></p> <p><i>“Dificuldades: na minha opinião a Biblioteca universitária, deveria fazer uma campanha educativa para informar melhor os estudantes e usuários da mesma”.(E32)</i></p> <p><i>“Dificuldades: não tem uma lógica pros alunos”. (E41)</i></p> <p><i>“Dentre as dificuldades, alguns livros são difíceis de procurar”. (E46)</i></p> <p><i>“Dificuldades: algumas Bibliotecas, como a da pós-graduação em engenharia, a sinalização é deficiente”. (E31)</i></p>	<p><i>“Os códigos auxiliam bastante na localização dos livros desejados[...](E14)</i></p> <p><i>“[...]A divisão das estantes ajuda”. (E18)</i></p> <p><i>“Facilidades: Visto que, o livro requerido encontra-se organizado uma numeração específica e área de conhecimento. Logo, eles facilitam muito à “vida dos estudantes””. (E32)</i></p> <p><i>Facilidades: para organização da Biblioteca”.(E41)</i></p> <p><i>“Dentre as facilidades é que de certa forma, você encontra o livro, de maneira demorada, mas encontra”. (E46)</i></p> <p><i>“Facilidades: No número de chamada (depois dele) aparece um número e uma letra, com alguns números, e após outra letra. O número corresponde a uma área de conhecimento, a 1ª letra ao nome do autor e a última ao título do livro”. (E31)</i></p>

Conforme evidencia o quadro-1, as dificuldades apontadas pelos alunos se concentram, principalmente, na complexidade dos códigos; na semelhança, falta de campanha educativa, falta de lógica e deficiência na sinalização das bibliotecas. É interessante a colocação do E18, quando fala que a semelhança dos códigos dificulta, isso talvez esteja associado ao fato de vários documentos (livros) possuírem a mesma notação de título, sendo diferenciados apenas pela notação de autor. Como ele não tem essa compreensão entende como se fossem vários códigos que, naturalmente, pode se configurar como dificuldade. Outro dado relevante é a insistência do (E32) com relação à campanha educativa, que é reforçado em outras categorias de análise e entendemos como seja um elemento fundamental para inserção da classificação no cotidiano dos estudantes, pois assim, ela poderá deixar de ser vista como “barreira” para a recuperação da informação.

e) Buscas de documentos diretamente nas prateleiras sem o auxílio do código alfanumérico.

A nossa intenção nessa categoria é descobrir se, ao buscar informações nas bibliotecas, a classificação é imprescindível para a localização do documento na estante, uma vez que por meio dela se organiza o ambiente informacional. Assim, buscamos saber se é do cotidiano dos estudantes irem diretamente as prateleiras, sem consultar os catálogos, a fim de identificar nas estantes os materiais que buscam. A grande maioria (34%) respondeu negativamente a questão.

Os alunos que responderam negativamente, apontam a importância de se conhecer a classificação e o destaque da mesma na organização da biblioteca. Como:

“Não. Quando não sei onde está o material, busco através do código. No entanto, só consigo porque nas estantes há etiquetas informando quais códigos estão nela”. (E7)

“Não. o código me auxilia a encontrar mais rapidamente o material que procuro”. (E3)

“Não. Eu busco só com a ajuda deles”. (E6)

“Não. Costumo olhar antes a informação sobre a localização do livro que existe nas prateleiras”. (E44)

Esses usuários deixam transparecer em suas falas o entendimento sobre o assunto e a importância da classificação na Biblioteca para a localização dos materiais de informação. A atenção aos detalhes, dos estudantes E44 e E7 expressam que costumam olhar a informação sobre a localização na prateleira antes de pegar o livro. Isso demonstra a importância da sinalização das estantes, fato que já foi bastante apresentado em outras falas e, que insistimos em chamar a atenção, afinal, como já enunciamos em outro momento desta análise, quanto mais elementos que aproximem os códigos como linguagem aos usuários, melhor será a comunicação com o sistema.

O interessante é que o próximo aluno fala do seu procedimento para chegar até a prateleira e recuperar por meio da classificação o livro procurado por

ele: *“Não, quase sempre, quando se trata de um conteúdo presente num livro que nunca peguei, observo a lista que corresponde às especialidades aos números das placas das prateleiras. Desse modo, encontro facilmente os livros de que preciso”*. (E26) Outro usuário expressa a relevância da linguagem na recuperação *“Não, pois fica complicado localizar livros sem nenhuma referência”*. (E14) Esse entende o valor da classificação, pois seja ela difícil ou fácil para o usuário, a classificação ajuda a localizar a informação.

Em segundo lugar com 32% foram as respostas afirmativas, os demais (14%) apontaram que usam a classificação às vezes e os restantes (10%) não responderam. Superando as expectativas, pois pelo que percebemos nas respostas anteriores o sim era para ser maior em porcentagem. Veja:

“Sim, muitas vezes já conheço o local dos livros sem necessitar olhar no sistema”. (E27)

“Sim, porque já sei mais ou menos onde estão os livros por área. Acho mais fácil do que ir pelo código”. (E23)

Percebe-se que os usuários preferem procurar os livros nas prateleiras sem nenhum auxílio de endereço do documento. Talvez isso seja o reflexo automático de procura de documentos, ou quem sabe já associam os códigos numéricos à sua área de interesse. Por outro lado alguns estudantes deixam transparecer que preferem ir diretamente às estantes por que têm dificuldades para entender os códigos.

“Sim, por não saber muito bem ler os códigos, prefiro ir procurando pelas prateleiras”. (E13)

“Sim, porque eu não entendo o código”. (E24)

“Sim, pois já tentei e não compreendi”. (E39)

“Sim, pelo fato de não entender certos códigos, vou procurando direto pelos livros que me interessam”. (E46)

Como podemos observar nessas passagens os usuários desenvolvem outros meios para recuperar a informação sem a ajuda do código, afinal, como irão

utilizar o que não entendem? A tendência do ser humano é descartar ou desenvolver outras formas para se valer de um modo que compreenda sem grandes dificuldades. Isso mostra, mais uma vez, que nem sempre a classificação é utilizada como referência na busca por um livro na Biblioteca.

Além desses, existem aqueles que afirmam traçar sua própria estratégia para se deslocar no território das bibliotecas, sem ter que utilizar os números de chamada.

“Sim, porque é mais fácil para mim”. (E42)

“Sim, vou procurando em cada prateleira”. (E34)

“Sim, procuro saber só a área de onde possa estar e procuro o nome”. (E22)

Outro grupo que representa 14% dos usuários falou que às vezes usavam o código de classificação para identificar a informação, veja logo após:

“Às vezes sim. Como eu particularmente, estou bem familiarizado com os mesmos vou diretamente em alguma estante específica. Caso não encontre o exemplar, dirijo-me ao Banco de Dados (Pergamum), e confiro a correta localização dos mesmos”. (E32)

“Às vezes. Pois já sei onde estão mais ou menos a prateleira do curso. Tem a indicação por nome e os livros são agrupados por área”. (E41)

“Às vezes, depende do assunto eu vou direto à prateleira”. (E11)

“Às vezes, acabando tendo que ir pesquisar na internet os códigos para achar o que procuro”. (E15)

Fica evidente nessas falas que, mais uma vez, os estudantes, que já conhecem a prateleira onde estão localizados os documentos relativos a sua área, se deslocam diretamente a ela para buscar os documentos que necessitam. Portanto, somente consultam a classificação quando se trata de assuntos novos ou não localizados em sua área. Quando o aluno E11 fala depende do assunto, provavelmente, é pelo motivo do assunto ser específico, pois quanto mais específico for o assunto maior será o código, com isso a quantidade de números fica quase incompreensível para eles, necessitando recorrer a outros meios, como a internet, colegas e funcionários.

f) As sinalizações nas prateleiras são suficientes para a localização das fontes bibliográficas

As sinalizações nas prateleiras foram investigadas para saber se elas respondem com eficácia aos estudantes universitários em suas buscas de informação na Biblioteca. A disparidade nos resultados não surpreendeu, pois já esperávamos o não (58%) superar ao sim (34%) com grande diferença, evidenciando a ineficácia das sinalizações existentes, observe os enunciados que sugerem melhoras:

“Não. Algumas bibliotecas não possuem as características certas, para que possamos encontrar rapidamente o livro”. (E46)

“Não. Mesmo com eles é difícil de encontrar”. (E22)

“Não. Deveria informar por tipo de assunto e por números”. (E34)

“Não. Deve-se sempre tentar melhorar”. (E10)

“Não. Como já discutido anteriormente, tem-se muitos estudantes que não conhecem o sistema de classificação dos livros. Seria positivo se, ao lado ou em baixo dos códigos, a especificação das áreas específicas”. (E32)

“Não. Poderia haver maior sinalização e cartazes instruindo sobre o significado dos códigos”. (E7)

“Não. Deveria haver indicações sobre as áreas de conhecimento”. (E3)

“Não. Elas não identificam os nomes dos autores e nem a bibliografia de cada obra”. (E44)

“Não. Porque elas só dividem por área, mas não identificam os autores”. (E15)

Em outro momento da pesquisa se falou que as bibliotecas da UFC não possuem os mesmos recursos em termos de sinalizações e o E46 fala sobre essas deficiências, sendo complementado pelas outras falas que apontam as dificuldades para utilizar os recursos das sinalizações, por isso deveria simplificar para somente números e tipo de assunto, disse E34.

Os usuários sugerem como deveria ser o Sistema de Bibliotecas da UFC, não em uma forma perfeita, pois alcançar uma classificação que corresponda aos anseios dos estudantes é um processo que envolve estudos de usuário e

aprofundamento nos estudos dos sistemas de classificação. Os alunos recomendam cartazes contendo o significado dos códigos e o nome dos autores para ajudar na compreensão da linguagem. Portanto, são vozes que precisam ser escutadas, pois, na melhor do que a opinião do usuário que utiliza a classificação para localizar o livro na estante, para melhorar a relação usuário/linguagem de classificação.

Outras falas reforçam a nossa percepção: *“Porque não explicam onde está determinado livro”*. (E9) Concordando com ele outro *“Não. Porque muitas vezes não encontro”*. (E42) Isso implica em demora de recuperar a informação, causando muitas vezes até desistência ou uma sobrecarga aos funcionários da Biblioteca. Até o presente momento da pesquisa uma das maiores necessidades é *“Porque não se sabe o significado dos códigos”*. (E48) Em todo o desenvolvimento da pesquisa observamos que o desconhecimento dos códigos alfanuméricos está presente nos comentários ou as fala dos estudantes.

Para os estudantes que tiveram as respostas positivas as identificações nas prateleiras são suficientes, pois os livros estão divididos por assuntos.

“Sim. Quando a identificação é escrita e não colocada numericamente”. (E13)

“Sim. Porque nas prateleiras consta a área, acho suficiente”. (E23)

“Sim. Dividem os livros por assunto”. (E24)

“Sim. Porque a sinalização é bem visível para os usuários e qualquer dúvida é possível de ser tirada pelos bibliotecários”. (E2)

“Sim. Uma vez encontrada a prateleira, não há dificuldade em se achar o livro desejado”. (E26)

O interessante é que as bibliotecas da UFC, apesar de fazerem parte do mesmo sistema, não têm recursos de sinalizações iguais, não no sentido de conteúdo, mas, no sentido de forma para facilitar a localização. Algumas possuem placas com as classes gerais apresentando o assunto por extenso, para que os alunos se orientem. Outras indicam apenas a sinalização com a classificação. Um estudante se expressou a esse respeito: *“Sim. Porque estão separada por curso (no PICI); na Educação estão separados por letras, então é mais difícil”*. (E11).

Outros participantes dizem:

“Sim. Não é 100% de certeza que sim, mas dão para suprir minhas necessidades”. (E5)

“Sim. Pois assim dá pra saber a sequência do acervo e a qual estante ele se localiza”. (E28)

“Sim. Pois identificam claramente os códigos dos livros presentes em cada prateleiras”. (E14)

O usuário fala mais uma vez de sinalização, que é suficiente para encontrar o que ele busca, mas, afirmou que a sinalização não é totalmente satisfatória, algo que podemos observar é que as sinalizações são essenciais para que os universitários possam entender a classificação como linguagem de recuperação da informação.

g) As sugestões que poderiam facilitar a compreensão dos códigos alfanuméricos nas Bibliotecas

Os usuários das Bibliotecas da UFC, além de dar sugestões em outras questões, têm a oportunidade de fazer isso, pois é imprescindível uma pergunta desse tipo. O questionário sugeriu quatro opções mais uma aberta. A maioria sugeriu o treinamento de usuários (48%), seguido de orientação por parte da coordenação do seu curso (32%), visitas técnicas às Bibliotecas (30%), palestras pelos bibliotecários (28%), folhetos e cartazes (6%) e Outros (10%), conforme o gráfico-2. Esclarecemos que as porcentagens ultrapassam 100% porque os usuários marcaram mais de uma resposta.

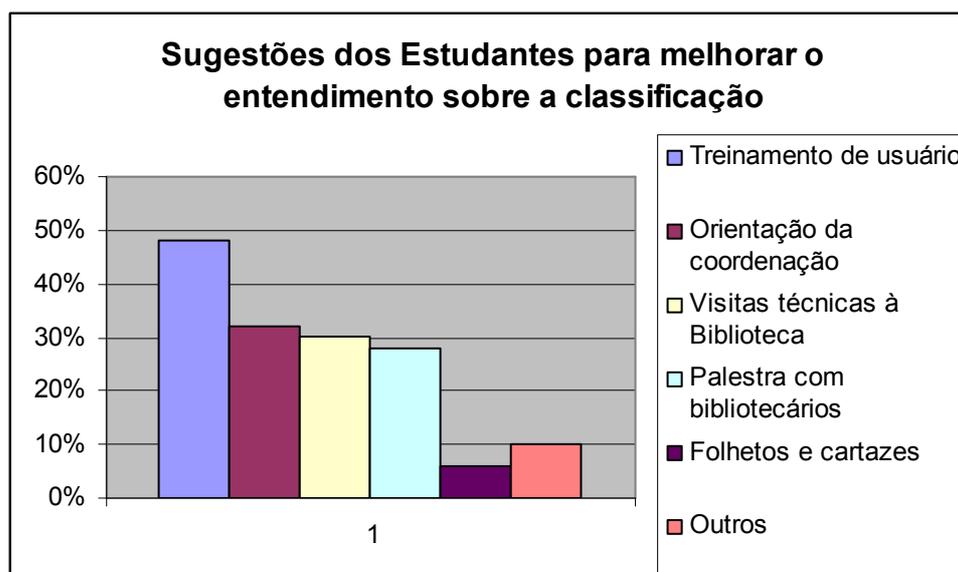


Gráfico 2: Sugestões dos estudantes para melhorar o entendimento sobre a classificação.
Fonte: *In loco*

O que chamou atenção foi à opção que os estudantes deram destaque: o treinamento de usuários, que deve ser uma constante nas atividades das Bibliotecas da UFC. Outro ponto a considerar é a necessidade de divulgação partindo da Biblioteca e do curso. Esta última ficando em segundo lugar, o que demanda maior integração entre a coordenação do curso e Biblioteca. Mostrando que para o funcionamento adequado de um determinado setor do ensino necessita da colaboração de outros setores.

A opção visitas técnicas às Bibliotecas, expõe a importância que a Disciplina de Pesquisa Bibliográfica do Curso de Biblioteconomia cumpre nesse cenário, contribuindo na orientação de alunos de outros cursos, na visita à Biblioteca para receber orientações de como pesquisar nesse ambiente. Em relação a alternativa palestras pelos bibliotecários não poderia ser descartada, pois em todas as opções ele tem participação. Entretanto, foi surpreendente não ter ficado entre as primeiras opções, talvez pelo estilo, que é a palestra, ela não possibilita um contato direto com o ambiente dificultando o entendimento de algo prático.

As sugestões enunciadas pelos estudantes destacam, mais uma vez, a necessidade de divulgação por meio de cartazes, manual de divulgação, panfletos, entre outros do gênero:

“Mais informações, como folhetos e cartazes”. (E6)

“Cartazes em locais visíveis explicando o significado dos códigos”. (E48)

“Panfleto ou cartazes na Biblioteca explicando”. (E43)

“Manual de orientação”. (E41)

“Algum bibliotecário circulando pelo ambiente dando instruções básicas para os “perdidos” / “confusos””. (E13)

6 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Para iniciarmos o presente capítulo, se faz necessário retornar as questões de partida desta pesquisa e aos objetivos que nortearam o nosso olhar ao objeto de estudo aqui discutido, apresentados na introdução desta monografia. Quer dizer, Como a classificação bibliográfica, enquanto uma forma de representação do conhecimento registrado, adotada no sistema de bibliotecas da UFC é percebida pelo usuário? Qual é a compreensão que os usuários do sistema de Bibliotecas da UFC têm das linguagens documentárias utilizadas em relação a sua área de conhecimento? O entendimento da linguagem daria mais autonomia a eles em suas buscas de informação nas bibliotecas universitárias? Quais são as dificuldades e as facilidades em relação à compreensão dos códigos utilizados para a busca e a recuperação da informação? **Objetivo geral:** Investigar a usabilidade e eficácia da classificação bibliográfica, como uma forma de representação do conhecimento, nas bibliotecas e na mente humano, enquanto forma de recuperação e ordenação do saber. **Objetivos específicos:** a) Analisar o processo de compreensão dos usuários em relação a classificação bibliográfica e sua influencia no processo de recuperação da informação; b) identificar as dificuldades e facilidades da compreensão dos sistemas de classificação; c) investigar as estratégias que os estudantes utilizam para a busca e localização de livros nas bibliotecas da UFC.

Os resultados destacados no desenrolar da pesquisa atingiram os objetivos propostos. Perante a afirmação enunciada podemos extrair algumas reflexões:

A classificação como meio essencial para o funcionamento de qualquer órgão que lide com a informação é incompreendida pelos seus utilizadores, especificamente a Biblioteca que foi a primeira instituição a organizar registros do conhecimento.

Os usuários não entendem os códigos alfanuméricos como linguagem de classificação. Isso é um prejuízo para o seu desenvolvimento acadêmico, pois o saber na Universidade, do mesmo jeito como acontece no mundo, é categorizado. A partir

do momento em que o ser humano nomeia algo ele está classificando, pois dessa forma sua mente compreender organizadamente.

Os estudantes não relacionam o código à área de seu conhecimento, isso mostra a dependência deles aos funcionários da Biblioteca, no caso em pesquisas simples, que os mesmos poderiam resolver sem o auxílio de alguém.

Uma parte dos estudantes reconhece a classificação como uma forma de facilitar a recuperação da informação, pois a ordenação é proporcionada por ela, mas a outra metade dos alunos não reconhece assim, isso por falta de orientação, palavras deles. Um estudante que não possui nenhum contato com esse tipo de classificação no ensino médio ou tem e não compreende, necessita de treinamento para se familiarizar com a classificação da Biblioteca.

A incompreensão entre Linguagem de classificação bibliográfica e o usuário é uma situação que se perpetua na vida da maior parte dos estudantes universitário, pois os meios de divulgação não são suficientes para que ele busque orientação.

Os alunos muitas vezes buscam os livros sem o auxílio da classificação, somente pelo lugar onde se encontra a prateleira, porque alguns pensam que a classificação é utilizada, somente por bibliotecários. Isso é um engano reflexo da falta de orientação.

As sinalizações não são suficientes para a localização, se falta compreensão do sistema de classificatório, então as sinalizações não serão compreendidas. Os alunos falaram que as Bibliotecas deveriam ter mais sinalizações e simplificadas. Sendo sugeridas várias possibilidades de capacitá-lo, a opção que mais se destacou foi o Treinamento de usuário, porque é um serviço prestado pelas Bibliotecas.

Diante disso inferimos que se as sugestões forem acatadas pelo sistema de Bibliotecas da UFC, irá melhorar o relacionamento do usuário com a linguagem de classificação. Ela é essencial na sistematização do saber em pequenas ou grandes

proporções, pois identifica o assunto geral e o específico, localizando de uma forma precisa a informação para o usuário.

Gostaríamos de enfatizar que esta pesquisa pode interessar, em particular, aos bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFC e de outras bibliotecas, de modo geral. Também acreditamos que o estudo possa contribuir para outras pesquisas concernentes ao tema objeto deste trabalho. Temos ainda, a intenção de continuar nesse tema em uma pós-graduação.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar as dificuldades para a realização desta pesquisa, que foram muitas, a começar pela pouca literatura existente sobre o assunto, conciliar a monografia com a grande quantidade de disciplinas que necessitei fazer no oitavo semestre para poder concluir a graduação e, por fim, conseguir com que os estudantes se dispusessem a participar do estudo.

REFERÊNCIA

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n. 22, p. 117-140, 2º sem. 2006.

BATISTA, Leandro Leonardo. *et al.* Aspectos cognitivos da percepção na propaganda. **Ciências & Cognição**, vol 13, n 3. p. 137-150, 2008.

BENTES PINTO, Virginia *et al.* A contribuição peirciana para a representação indexal de imagens visuais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 25, 1º sem. 2008.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário OXFORD de Filosofia**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1997.

BLATTMANN, Ursula. **Introdução ao Sistema de Classificação Decimal Universal**. 2001. Disponível em: <www.ced.ufsc.br/~ursula/5213/01introd.html - 44k >. Acesso em: 10 nov. 2008.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kasper Hauser ou A Fabricação da Realidade**. São Paulo: Cultrix, 2003.

BURKE, Peter. **Uma História social do Conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CAMPOS, Astério. O nascer de nova utopia: ainda e sempre o problema da classificação bibliográfica. **Revista de Biblioteconomia**. v. 1, n. 1, jan/jun. 1973.

CINTRA, Ana Maria *et al.* **Para entender as Linguagens Documentárias**. São Paulo: Polis: APB, 1994.

CHAUI, M. S. **Convite à filosofia**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1994. 440 p.

DAHLBERG, Ingentrut. **Teoria da Classificação Ontem e Hoje**. Disponível em: <www.conexaorio.com/bit/dahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>. Acesso em: 09 out. 2008.

DAHLBERG, Ingentrut. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, v.7, n.2, p.101-107, 1978c.

DODEBEI, V. L. D. L. M. . **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. 1. ed. Rio de Janeiro : Interciência: Niterói: Intertexto, 2002.

DUROZOI, Gerard. **Dicionário de filosofia**. Campinas, SP: Papyrus, 1993. 511p.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1975?]. 1517p.

GARDIN, J.C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v. 29, n. 2, p.137-68, June 1973.

-----, J.C. Elements d' un modele pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, n. 5, p. 171-182, 1966.

GIL, Antonio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S. A. 2006.

GIL, Antonio Carlos, **Como elaborar Projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S. A. 2002.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994.

KAULA, Prithvi. N. **Repensando os conceitos no estudo da classificação**. (Baseado no artigo submetido à 4 Conferência sobre Pesquisa em Classificação, Augsburg Alemanha Ocidental, de 20 de Julho de 1982) <http://www.conexaorio.com/bit/kaula/index.htm>. KNOWLEDGE ORGANIZATION: concept theory, classification, indexing and knowledge representation. v. 28, n. 2, 2001.

LARA, M.L.G. **Representação e linguagens documentárias**: bases teórico-metodológicas. 1999. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Categorização como um processo. **Ciência & Cognição**, v. 11, p. 156-167.

LIMA, Vânia Mara Alves. **Da classificação do conhecimento científico aos sistemas de recuperação da informação**: enunciação de codificação e enunciação de decodificação da informação documentária. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2004.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2002.

NUNES, Leiva. **Da classificação das ciências à classificação da informação: uma análise do acesso ao conhecimento.** Campinas, SP: PUC-Campinas, 2007. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

PIEDADE, Maria Antinietta Requião. **Introdução a teoria da Classificação.** 2. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. 221p.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes.** Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2008.

REAL, Rodrigo. **Redes Semânticas.** Disponível em: <<http://www.inf.ufrgs.br/procpar/disc/cmp135/trabs/rodrigo/T1/html/index.html>>. Acesso em: 25 nov. 2008

ROWLEY, Jennifer. Fundamentos da recuperação da informação. In _____. **A biblioteca eletrônica.** Tradução de Antônio Agenor.. Brasília: Briquet Lemos/Livros, 2002, cap. 7, p. 162-186;

SAUSSURE, Ferdinand, **Curso de Linguística Geral.** 24. ed. Brasil : Cultrix, 2002.

SILVA, Odilon Pereira da. **Classificação Decimal Dewey:** manual teórico-prático para uso dos alunos da disciplina classificação no departamento de ciência da informação e documentação da universidade de Brasília. 63p. Disponível em: <www.ndc.uff.br/bibliotecas/big/42/apostilacdd.pdf>. Acesso em: 08 out. 2008.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Organização do Conhecimento na Sociedade.** Florianópolis: UFSC, 1998.

SOUZA, Rosali Fernandes. Áreas do Conhecimento. **Revista Ciência da Informação.** v. 5, nº 2, Abr/2004.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização e representação de áreas do conhecimento em ciência e Tecnologia: princípios de agregação em grandes áreas segundo diferentes contextos de produção uso de informação. **Encontros. Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação,** Florianópolis, nº. especial, 1º sem. 2006.

ECO, Umberto, **O signo.** Lisboa: Editorial Presença, 1997.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 456 p.

VENÂNCIO, L. S; NASSIF, M. E. **O caminho faz a trilha: Comportamento de Busca de Informação sob o enfoque da Cognição situada: um estudo empírico qualitativo.** Disponível em: <<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=267>>. Acesso em: 13 set. 2008.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. **A noção de estrutura lingüística e de processo de estruturação e sua influência no conceito e na elaboração de linguagens documentárias.** São Paulo, 2007. 127p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2007.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. A evolução do conceito de Linguagem Documentária: as linhas francesa e brasileira. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8, 2007, Salvador. **Anais.** Bahia: ENANCIB, 2007.

APÊNDICE

- 6) Aponte as dificuldades ou facilidades na compreensão dos códigos utilizados para a busca e a recuperação de informação.
- 7) Você costuma buscar os documentos diretamente nas prateleiras sem o auxílio do código alfanumérico? Por favor, justifique sua resposta.
- 8) Em sua opinião, as sinalizações nas prateleiras são suficientes para a localização das fontes bibliográficas?
 Sim. Por quê? Não. Por quê?
- 9) Que sugestão você daria para facilitar a compreensão dos códigos alfanuméricos nas Bibliotecas?
 Palestras pelos Bibliotecários.
 Orientação por parte da coordenação do seu Curso.
 Visitas técnicas às bibliotecas.
 Treinamento de usuários
 Outro. Qual?
- 10) Caso julgue necessário teça comentários sobre essa pesquisa.